



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ARTHUR BARROS ANDRADE**

**DIÁSPORA JUDAICA NA BOA VISTA: A CONSOLIDAÇÃO COMUNITÁRIA E  
IDEOLÓGICA DOS IMIGRANTES JUDEUS NO RECIFE (1935-1948)**

**RECIFE**

**2025**

ARTHUR BARROS ANDRADE

**DIÁSPORA JUDAICA NA BOA VISTA: A CONSOLIDAÇÃO COMUNITÁRIA E  
IDEOLÓGICA DOS IMIGRANTES JUDEUS NO RECIFE (1935-1948)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Bacharelado em História da  
Universidade Federal de Pernambuco, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em História.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Suzana Cavani Rosas

RECIFE

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Andrade, Arthur Barros.

DIÁSPORA JUDAICA NA BOA VISTA: A CONSOLIDAÇÃO  
COMUNITÁRIA E IDEOLÓGICA DOS IMIGRANTES JUDEUS NO RECIFE  
(1935-1948) / Arthur Barros Andrade. - Recife, 2025.

55 p. : il.

Orientador(a): Suzana Cavani Rosas

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Bacharelado,  
2025.

Inclui referências.

1. Judaísmo. 2. História do Recife. 3. Antissemitismo no Brasil. 4. Estado  
Novo. I. Rosas, Suzana Cavani. (Orientação). II. Título.

900 CDD (22.ed.)

ARTHUR BARROS ANDRADE

**DIÁSPORA JUDAICA NA BOA VISTA: A CONSOLIDAÇÃO COMUNITÁRIA E  
IDEOLÓGICA DOS IMIGRANTES JUDEUS NO RECIFE (1935-1948)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Bacharelado em História da  
Universidade Federal de Pernambuco, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em História.

Data de aprovação: 07/08/2025.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Suzana Cavani Rosas (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Pinheiro de Melo (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Me. Paulo Montini de Assis Souza Júnior (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores do Departamento de História, que contribuíram para a minha formação, em especial ao Professor Rômulo Xavier que me acolheu durante o estágio voluntário no LAPEH e durante a monitoria na disciplina de História de Pernambuco.

A minha orientadora, Professora Suzana Cavani Rosas, por inicialmente me aceitar como monitor em História Contemporânea e, posteriormente, aceitar me nortear durante a execução desta pesquisa.

Aos meus professores de História do ensino médio e fundamental: Simone e Antônio.

A minha avó Lindaci.

A equipe do Museu Sinagoga Kahal Zur Israel e do Circuito Sagrado da Prefeitura do Recife, momento o qual a ideia desta pesquisa floresceu, agradeço especialmente a Rosana, Lúcia e Vítor Azoubel. A equipe do APEJE, por me possibilitar o acesso ao acervo do DOPS-PE, tornando assim minha pesquisa possível.

E aos demais amigos que contribuíram diretamente ou indiretamente para a construção desse trabalho, especialmente Matheus, Isabella, Beatriz e João Lucas.

*“Meu dever é de falar, não quero ser cúmplice.  
Minhas noites seriam atormentadas pelo  
espectro do inocente que paga, na mais horrível  
das torturas, por um crime que ele não cometeu.”*

(Émile Zola)

## RESUMO

No início do século XX, especialmente durante a ditadura do Estado Novo, o Brasil se transformou no ponto de desembarque de um quantitativo notável de imigrantes judeus que fugiam do antissemitismo endêmico e genocida do continente europeu. O Recife, possuindo um dos portos de maior expressão no cenário nacional, tornou-se um destino natural em meio ao novo processo diaspórico judaico. Uma vez estabelecidos na cidade, seriam responsáveis pela formatação de uma rede comunitária que atendessem os anseios coletivos de estabilidade e integração com o meio social brasileiro frente ao complexo cenário político internacional. No bairro da Boa Vista constituiu-se um núcleo comercial judaico, responsável pela transformação definitiva das relações socioeconômicas no centro da cidade. Mesmo que impulsionados pela boa receptividade local, a comunidade enfrentaria silenciosamente os efeitos da Segunda Guerra Mundial, vivenciando integralmente tentativas de importação do discurso antissemita histórico, seja por teorias conspiratórias chanceladas pelo Governo Federal Brasileiro ou pelo discurso xenofóbico da mídia tradicional. Logo, a presente pesquisa, tem como objetivo analisar o processo de fundação e estabilização da comunidade judaica no Recife durante a década de 1940, examinando o debate político local ao qual os judeus imigrantes encontravam inseridos.

**Palavras-chave:** Estado Novo; Recife; integração; Boa Vista.

## ABSTRACT

At the beginning of the 20th century, particularly during the Estado Novo dictatorship, Brazil became the landing point for a significant number of Jewish immigrants fleeing the endemic and genocidal antisemitism in Europe. Recife, home to one of the most prominent ports in the country, emerged as a natural destination in this new Jewish diasporic movement. Once settled in the city, these immigrants would establish a communal network designed to address their collective needs for stability and integration into Brazilian society amid the complex international political landscape. In the Boa Vista neighborhood, a Jewish commercial hub took shape, playing a pivotal role in reshaping socioeconomic dynamics in the city center. Despite the local population's welcoming attitude, the community would silently endure the effects of World War II, experiencing firsthand attempts to import antisemitic rhetorics, whether through conspiracy theories endorsed by the Brazilian Federal Government or the xenophobic discourse of the traditional media. Thus, this research aims to analyze the founding and stabilization of the Jewish community in Recife during the 1940s, examining the local political debates in which Jewish immigrants were embedded.

**Keywords:** Estado Novo; Recife; integration; Boa Vista.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Capa da publicação brasileira do livro “Os Protocolos dos Sábios de Sião”.....	18
Figura 02 – Recorte do jornal Diário da Manhã, 06 de fevereiro de 1936 .....	23
Figura 03 – Resposta do Consulado do Brasil na Hungria acerca da Circular Secreta nº 1127.....	24
Figura 04 – Pintura “Bairro Judeu no Recife” de Flávio Gadêlha, 2003.....	25
Figura 05 – Recorte do Jornal Vanguarda, 24 de março de 1942.....	26
Figura 06 – Graf Zeppelin (LZ-127) envolto com suásticas nazistas no leme sobrevoa o bairro de Santo Antônio no Recife.....	28
Figura 07 – Recorte do jornal Diário de Pernambuco, 8 de julho de 1933 .....	29
Figura 08 – Cais José Mariano no Bairro da Boa Vista. Fotografia de Benício Dias, 1941....	33
Figura 09 – Jogadores do time de futebol profissional Israelita Sport Club.....	35
Figura 10 – Primeira Reunião Sionista, 9 de julho de 1946.....	44
Figura 11 – Recorte do jornal Diário da Manhã, 28 de março de 1948.....	45
Figura 12 – Recorte do jornal Diário da Manhã, 8 de dezembro de 1946.....	46

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1</b>	<b>A ERA VARGAS, O ANTISSEMITISMO NO BRASIL E AS EXPERIÊNCIAS NAZISTAS EM PERNAMBUCO.....</b>	<b>17</b>
	1.1 O desembarque do antissemitismo histórico no Brasil.....	17
	1.2 Experiências nazistas fracassadas em solo Pernambucano.....	26
<b>2</b>	<b>A CONSOLIDAÇÃO NA BOA VISTA.....</b>	<b>32</b>
	2.1 Praça Maciel Pinheiro, o coração da imigração ao Recife.....	32
	2.2 Chegam os sobreviventes do Shoah.....	37
<b>3</b>	<b>O COMPLEXO CENÁRIO POLÍTICO DO PÓS-GUERRA.....</b>	<b>40</b>
	3.1 Breve panorama do avanço sionista.....	40
	3.2 Os reflexos na comunidade recifense.....	43
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>47</b>
	<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

Durante a primeira metade do século XX, o fluxo contínuo de inúmeras famílias judias ashkenazim<sup>1</sup> deslocadas do leste europeu para o Recife crescia consideravelmente, mesmo com o término da Segunda Guerra Mundial e a consequente queda do regime nazista alemão. A imigração para o território americano tornou-se o último fio de esperança para a sobrevivência e resistência do corpo social judaico frente ao antissemitismo secular europeu. Enquanto os Estados Unidos limitavam celeremente a entrada de novos refugiados de guerras europeias em seus portos, a imigração rumo a América do Sul tornava-se uma saída inevitável.<sup>2</sup> Apesar do Brasil ter ocupado uma posição secundária, ou até mesmo terciária, entre os destinos de imigrantes judeus, a incontestável centralidade dos portos brasileiros facilitaria um processo inicialmente involuntário de gradual assimilação dos deslocados ao país. Especialmente entre as cidades costeiras do Sul e Sudeste – tradicionalmente destino dos imigrantes europeus desde o século XIX – famílias judias transformariam o país desconhecido em um ambiente propício para tão almejada estabilização social.<sup>3</sup>

Do outro lado do país, a realidade do Porto do Recife – o mais importante satélite portuário do Nordeste Brasileiro – não seria muito diferente; o que inicialmente apresentou-se como um tímido movimento imigratório, rapidamente transformaria a cidade em um dos principais pontos de estadia para dezenas de imigrantes judeus do Leste Europeu. Os que desembarcavam diretamente no Porto do Recife juntavam-se a um quantitativo pré-existente modesto de judeus que já residiam no centro da cidade desde o início do século XX, nas imediações do bairro da Boa Vista.<sup>4</sup> De forma involuntária, davam início a uma segunda diáspora judaica para a capital pernambucana, contrastando com a diáspora sefardita<sup>5</sup> durante

---

<sup>1</sup> Termo designado aos membros das comunidades judaicas estabelecidas no Leste Europeu e regiões da Europa Central, durante as inúmeras diásporas vivenciadas pelo grupo étnico ao longo dos últimos 2 milênios. Apesar de separados fisicamente em diversas cidades e vilarejos, apresentavam essencialmente um rito cultural e litúrgico uniforme, centrado no Ídiche.

<sup>2</sup> LUDEMIR, R. B. “*A construção o de um lugar judeu no Recife*”. In: LEWIN, H. **Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 581-597.

<sup>3</sup> LUDEMIR, R. B. **Um lugar judeu no Recife: A influência de elementos culturais no processo de apropriação do espaço urbano do bairro da Boa Vista pela imigração judaica na primeira metade do século XX**. Orientador: Dr. Luiz de La Mora. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3535>. Acesso em: 22 jan. 2024.

<sup>4</sup> RIBEMBOIM, J. **História dos Judeus de Pernambuco**. Recife: Cepe, 2023. p. 377.

<sup>5</sup> O termo “sefardita” corresponde aos judeus historicamente deslocados para a Península Ibérica, sendo *Sefarad* a palavra em hebraico para a região. Estabelecidos durante o século I E.C., e que formaram um léxico litúrgico e social único.

o Brasil Holandês, período no qual Pernambuco foi invadido pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, na primeira metade do século XVII. Entretanto, dessa vez, as motivações e expectativas de estabelecimento almejavam transformar a cidade em uma residência permanente, longe dos propósitos exploratórios intrínsecos ao período colonial batavo no Recife.

Contudo, o período de estabilização em Pernambuco acabaria profundamente interligado às turbulências internas da ditadura do Estado Novo, influenciadas em grande parte pelo caos político global causado pela Guerra em andamento. O ensaio de um avanço da agenda antissemita a partir da ambiguidade da agenda política de Getúlio Vargas – e do Itamaraty de Oswaldo Aranha – pouco afetaria os judeus que decidiram permanecer em solo brasileiro,<sup>6</sup> mesmo com o cerco social incansável do Departamento de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE) com os imigrantes judaicos, e mesmo com a liberdade de operação da máquina pública alemã auxiliando e financiando uma filial do partido nazista no município do Paulista, vizinho de Olinda, contando com forte apoio da elite empresarial local.<sup>7</sup>

Apesar de munidos de uma licença de funcionamento, o Centro Israelita de Pernambuco operaria sob forte vigilância, dentre os inúmeros relatórios de atividades justificando reuniões, movimentações financeiras, trâmites estatutários, discussões políticas, funcionamento escolar, e pedidos de autorizações (sejam associativos ou até mesmo para viagens coletivas intermunicipais).<sup>8</sup> A vigilância imposta aos imigrantes visava coibir atividades consideradas subversivas, apoiando-se na retórica antissemita de uma suposta invasão judaica comunista revolucionária nos portos brasileiros, tendo como base o apócrifo Plano Cohen.<sup>9</sup> As prisões recorrentes entre os imigrantes, especialmente os de origem russa e ucraniana, eram justificadas como ações de “ordem pública”, com os simpatizantes e entusiastas do Partido Comunista Brasileiro (PCB) sendo amplamente policiados pelos

---

<sup>6</sup> LEWIS, S. **Estado Novo, ideologia e resistência: os judeus e o antissemitismo em Pernambuco**. Belo Horizonte: Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, v. 13, n. 25, p. 175–188, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/23886>. Acesso em: 20 mar. 2024.

<sup>7</sup> LEWIS, S. “*Política e Estratégias de Dominação: A Segunda Guerra Mundial e o Campo de Concentração Chã de Estevão*”. In: MARQUES, L. C. L. (Org.). **Anais Eletrônicos do V Colóquio de História “Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio”**. p. 705-715, 2011. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.705-716.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

<sup>8</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Centro Israelita de Pernambuco**. Recife, 1936. 192 p.

<sup>9</sup> BLAY, E. A. **Inquisição, inquisições: Aspectos da participação dos judeus na vida sócio-política brasileira nos anos 30**. Tempo Social, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 105–130, 1989. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/83335>. Acesso em: 20 jan. 2024.

diversos núcleos federativos do DOPS com o compartilhamento de inteligência, como ficou evidenciado durante as prisões dos irmãos Mancovitzky, investigados e presos após figurarem em listagem de membros do PCB interceptada no Rio de Janeiro.<sup>10</sup>

Na imprensa local, o tom antissemita uniforme, a partir de editoriais que repercutiam o suposto do perigo semita, tentava recorrentemente reforçar um contexto de paranoia, que mostrava-se pouco crível para uma ampla parcela da sociedade brasileira. Pressionado pelos EUA, Vargas declararia guerra ao Eixo apenas em 1942, pouco tempo depois de negar centenas de vistos a judeus nas mais diversas embaixadas europeias, além de prender e deportar para a Alemanha Nazista dezenas de judeus que entraram no país com passaportes irregulares.<sup>11</sup> Como indicado nos arquivos do DOPS-PE, a reação popular negativa às deportações pouco afetaria a retórica antissemita do departamento nos meses que antecederam a adesão brasileira ao conflito.<sup>12</sup> Mesmo em meio a lógica singular e imprevisível do aparelho repressivo do governo Vargas, especialmente quanto às regras de moralidade impostas aos estrangeiros residentes no país, para algumas famílias judias o pleno estabelecimento no mercado de trabalho recifense representaria a principal porta de entrada para um almejado processo de naturalização e o consequente vínculo definitivo com o Brasil.

Logo, os judeus recém estabelecidos em solo brasileiro buscavam priorizar o estabelecimento de reputações confiáveis aos seus sobrenomes. No Recife esse movimento se deu especialmente a partir da atividade mercante, com a introdução e atualização de técnicas de comercialização populares, seja em lojas físicas ou como prestamistas.<sup>13</sup> Nos entornos da Praça Maciel Pinheiro, se estabeleceu uma ocupação popularmente chamada de “gueto da Boa Vista”, tendo em vista o contexto político-social do grupo na Europa no momento.<sup>14</sup> Os casebres e sobrados do bairro foram rapidamente alugados e ocupados, em grande parte, também funcionando como comércio. A franca expansão da atividade comercial na região também viria a transformar profundamente a relação da população local recifense com o próprio centro histórico.<sup>15</sup> O superaquecimento comercial da Boa Vista, frente ao declínio dos bairros vizinhos de Santo Antônio, São José e Recife, proporcionaria não apenas o

---

<sup>10</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Izaak Mancovitzky**. Recife, 1932. 34 p.

<sup>11</sup> PACHECO, T. da S. **Para além de brucutus obedecendo ordens: os homens da repressão na Era Vargas**. *Antíteses*, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 258-287, 2022. p. 274. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/43702>. Acesso em: 26 fev. 2024.

<sup>12</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Centro Israelita de Pernambuco**. Recife, 1936. 192 p.

<sup>13</sup> RIBEMBOIM, 2020. p. 515-516.

<sup>14</sup> LUDEMIR, 2005. p. 219-221.

<sup>15</sup> RIBEMBOIM, *op cit.* p. 380.

estabelecimento definitivo dos imigrantes na cidade, mas, principalmente, a criação de um vínculo duradouro com o meio social pernambucano. A conexão com a cidade passaria assim a ser essencialmente física.

Ainda que a imigração rumo aos Estados Unidos tenha assumido a incumbência de guiar o futuro social e religioso judaico, o desembarque na América do Sul manifestou a pluralidade das ramificações de um “exílio” involuntário. Impulsionados pela boa recepção local, o número de membros familiares que optaram pela travessia atlântica seguiu em franca expansão, mesmo com o término da Segunda Guerra e as tratativas de criação de um Estado nacional judaico na região do Levante. Entre os imigrantes desembarcados no Recife no pós-guerra, destacavam-se os sobreviventes do Holocausto com familiares já estabelecidos na cidade.<sup>16</sup>

Concomitantemente, esta pesquisa tem como objetivo realizar um panorama acerca da vida social judaica no Recife, examinando a complexa teia de relações estabelecidas entre os imigrantes e o município, tendo em vista o recorte temporal do início da Segunda Guerra até a criação do Estado de Israel, abrangendo assim o período de pico de antissemitismo em solo brasileiro. A presente monografia nasce do anseio de uma análise das perspectivas historiográficas que moldaram o ideário da presença judaica em solo recifense no século XX, a partir de uma fundamentação metodológica embasada por conceitos elaborados por diversos pensadores ligados aos estudos judaicos – seja em Pernambuco ou internacionalmente – como Jacques Ribemboim, Susan Lewis, Hannah Arendt, Maria Luiza Tucci Carneiro, entre outros. Com o suporte documental dos pedidos de naturalização de estrangeiros (judeus) e os prontuários individuais de estrangeiros do DOPS-PE, disponíveis no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), embora o órgão estadual enfrente graves dificuldades logísticas referentes à preservação, manutenção e consequente disponibilização do acervo aos pesquisadores.

Para esta pesquisa foi possível serem analisados três pedidos de naturalização datados da década de 1920: Bernardo Kelner, fiscal da mesa diretora do Centro Israelita de Pernambuco; David Katz, filho de Bernardo e Zina Katz, residentes da Rua Velha e influentes na comunidade local; e Moysés Chvartz, figura proeminente no ramo comercial têxtil recifense durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, ocupou posição de destaque no Centro Israelita liderando a Federação Sionista Unificada em Pernambuco.<sup>17</sup> Também foi possível

---

<sup>16</sup> RIBEMBOIM, 2023. p. 406-428.

<sup>17</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Moysés Chvarts**. Recife, 1941. 20 p.

serem analisados quatorze prontuários do DOPS-PE, especialmente os datados das décadas de 1930 e 1940, acerca de atividades judaicas em solo pernambucano, entre eles o do Centro Israelita com mais de 190 páginas detalhando atividades sociais, comerciais e políticas, assim como as reações populares quanto a guerra em andamento no período.

Desta forma, o primeiro capítulo tem como propósito identificar e caracterizar o antissemitismo enfrentado pelos imigrantes judeus que desembarcaram no Recife durante a ditadura do Estado Novo, e como a importação da paranoia de uma suposta ameaça semita não impediu o fluxo contínuo de famílias nos portos brasileiros e no recifense, mesmo com o pleno funcionamento da máquina Nazista nos entornos da capital com o notório apoio das elites locais.<sup>18</sup>

No segundo capítulo trabalharemos com o estabelecimento dos imigrantes no bairro da Boa Vista; a ascensão social de famílias antes destituídas de posses na Europa vítimas do antissemitismo; o crescimento do sentimento de unidade social; além do fortalecimento do Centro Israelita de Pernambuco. Imbuídos de um passado inexpugnável, o recomeço em solo pernambucano jamais representaria uma abdicação dos ritos tradicionais seculares, seja pelo esforço da manutenção geracional da preservação do Ídiche, até a preservação do estilo de vida ashkenazi.

Por fim, no terceiro capítulo analisaremos diretamente com o desejo por abdicação de um passado excruciante, amplamente intrínseco ao imaginário do continente europeu ao longo dos séculos. E como esta manifestação de resistência acabou capturada por uma agenda colonialista com o estabelecimento de um Estado Nacional judaico pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948, e como os judeus separados por uma nova diáspora – entre eles a comunidade pernambucana –, foram confrontados e atraídos pela propaganda sionista.

---

<sup>18</sup> DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo tropical? O partido Nazista no Brasil**. 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10072007-113709/pt-br.php>. Acesso em: 23 mar. 2024.

# 1 A ERA VARGAS, O ANTISSEMITISMO NO BRASIL E AS EXPERIÊNCIAS NAZISTAS EM PERNAMBUCO

Inicialmente inseridos em um cenário de antissemitismo exacerbado, a imigração rumo ao Recife amparava-se essencialmente na busca pela sobrevivência/resistência imediata frente aos pogroms,<sup>19</sup> e mais tarde frente ao agravamento das políticas nazistas em toda a Europa. Desde 1926, a sinagoga *Sholem Ocnitzer* (atual Sinagoga Israelita da Boa Vista) funcionava na Rua Martins de Barros no bairro da Boa Vista, fundada por um pequeno grupo de judeus imigrantes da Bessarábia,<sup>20</sup> sobreviventes das inúmeras tentativas de limpeza étnica promovida pelo Império Russo. Ao final da Segunda Guerra Mundial, a população judaica recifense superava a casa dos 1.500 habitantes,<sup>21</sup> um número semelhante às estimativas de judeus que residiam na cidade no auge da *Mauritsstad*.<sup>22</sup>

## 1.1 O desembarque do antissemitismo histórico no Brasil

A formação de núcleos sociais judaicos em solo brasileiro, previsivelmente, esbarrou na complexa teia política da ditadura do Estado Novo, que nutria uma notória tensão social frente a minorias étnicas e religiosas por todo o país. Em Pernambuco, o caráter antissemita da elite local caminhou em uma tênue linha moral, com o interventor Agamenon Magalhães liderando uma cruzada pública contra minorias, especialmente contra religiões de matriz africana que congregavam dezenas de adeptos nas periferias da região metropolitana do Recife, com a apreensão de objetos sagrados e o decreto de “profilaxia moral” como principais medidas na tentativa de limpeza étnica na cidade.<sup>23</sup> Em um cenário semelhante, as comunidades judaicas recém formadas em solo brasileiro também se tornaram alvo constante do discurso integralista e racista Varguista, moldado a partir de teorias da conspiração europeias, que também fundamentaram o nazismo.<sup>24</sup>

---

<sup>19</sup> Termo russo referente ao processo de limpeza étnica da população judaica pela Rússia Czarista ao término do século XIX e início do século XX, onde vilarejos primariamente formados por judeus foram destruídos, e seus moradores forçados a abandonarem suas moradias.

<sup>20</sup> Região multiétnica correspondente às atuais Moldávia e Ucrânia. Por conta do alto interesse político pela Romênia e Rússia, a tensão social permanece recorrente desde o século XIX até o presente momento.

<sup>21</sup> RIBENBOIM, 2020. p. 377.

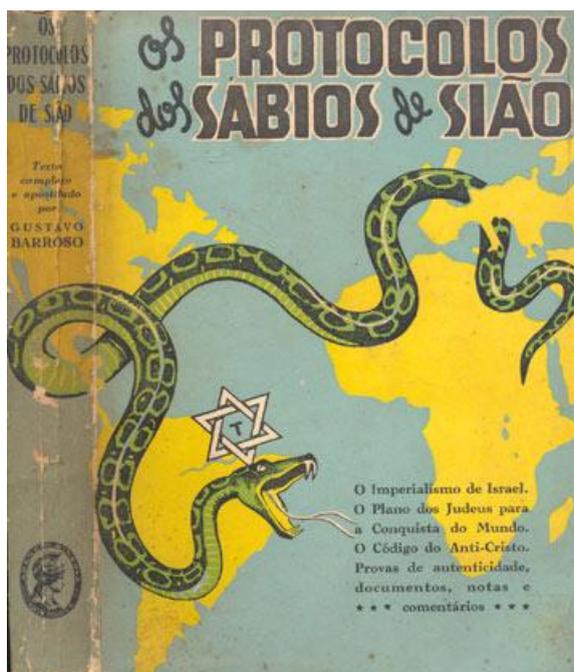
<sup>22</sup> MELLO, J. A. G. **Tempo dos Flamengos**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1987.

<sup>23</sup> GUERRA, L. H. **Memória e etnicidade no Quilombo Ilê Axé Oyá Meguê**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, vol. 47, n° 3, 2011. pp. 284-291. Disponível em: [https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/csu.2011.47.3.11](https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2011.47.3.11). Acesso em: 25 fev. 2024.

<sup>24</sup> BLAY, 1989. p. 107.

Entre as peças de propaganda racistas recorrentes no cenário global, e adaptadas para a realidade brasileira, a obra “Os Protocolos dos Sábios de Sião” apresentava-se como a principal literatura da retórica antissemita do período. A obra tornou-se amplamente difundida durante as primeiras décadas do século XX na Europa, sendo publicada no Brasil na década de 1930, sendo traduzida e prefaciada pelo militante integralista – e Varguista – Gustavo Barroso (FIGURA 01).

**Figura 01** – Capa da publicação brasileira do livro “Os Protocolos dos Sábios de Sião”.



Fonte: Página online do “Sebo do Messias”.<sup>25</sup>

Inicialmente publicada pelo jornal russo *A Bandeira*, de São Petersburgo, como denúncia de um suposto conluio judaico-maçônico para dominação econômica global,<sup>26</sup> a obra fincava-se na noção apócrifa de judeus como membros de uma sociedade secreta que conspirava por dominação global, culpabilizando as comunidades judaicas europeias pelas grandes transformações sociais e políticas do século XIX, desde a Revolução Francesa até o declínio da Rússia Czarista.<sup>27</sup> O texto buscava atestar como a secularização da sociedade

<sup>25</sup> Disponível em: <https://sebodomessias.com.br/livro/historia/os-protocolos-dos-sabios-de-siao-16.aspx>. Acesso em: 22 mar. 2024.

<sup>26</sup> CARNEIRO, M. L. T. **Imigrantes indesejáveis. A ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas.** Revista USP, [S. l.], n. 119, p. 115-130, 2018. p. 77-78. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/151581>. Acesso em: 05 fev. 2024.

<sup>27</sup> MOTTA, R. P. S. **O mito da conspiração judaico-comunista.** Revista de História, [S. l.], n. 138, p. 93-105, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18845>. Acesso em: 05 mar. 2024.

européia – em detrimento ao antigo ideal social cristão dominante – supostamente não havia se constituído de forma espontânea:

Sob a nossa direção, o povo destruiu a aristocracia, que era sua protetora e sua ama de leite natural, porque seu interêsse era inseparável do interêsse do povo. Agora, que a aristocracia foi destruída, êle caiu sob o jugo dos açambarcadores, dos velhacos enriquecidos, que o oprimem de modo impiedoso. Nós apareceremos ao operário como os libertadores dêsse jugo, quando lhe propusermos entrar nas fileiras do exército de socialistas, anarquistas e comunistas que sempre sustentamos sob o pretêxto de solidariedade entre os membros de nossa franco-maçonomia social. A aristocracia, que gozava de pleno direito do trabalho dos operários, tinha interêsse em que os trabalhadores estivessem fartos, fossem sadios e fortes. Nosso interêsse, ao contrário, é que os cristãos degenerem. Nosso poder reside na fome crônica, na fraqueza do operário, porque tudo isso o escraviza à nossa vontade, de modo que êle fique sem poder, força e energia de se opor a ela. A fome dá ao capital mais direitos sôbre o operário do que a aristocracia recebia do poder real e legal.<sup>28</sup>

As inferências disseminadas pela obra rapidamente ganharam espaço e credibilidade entre os mais diversos espectros políticos de todo o mundo. No Brasil, propiciou o surgimento do “Plano Cohen”, concebido pelo alto escalão das forças militares, e que buscava justificar o clamor das elites pela promulgação da ditadura do Estado Novo, replicando a acusação de envolvimento de judeus imigrantes do Leste Europeu em um complô marxista contra a unidade nacional brasileira.<sup>29</sup>

Segundo Maria Tucci Carneiro, obras que compartilhavam de uma mesma retórica deicida e antissemita, multiplicavam-se incessantemente desde o medievo, tendo como origem os conflitos do cristianismo primevo, entre os séculos I e IV. A culpabilização pelo “assassinato” de Cristo – ou, mais comumente, o eufemismo de assassinos de Deus – seguiu ao longo dos séculos um processo progressivo de atualização e ampliação de alcance dentro do cristianismo.<sup>30</sup> A propagação da ideia do deicídio teve início a partir da recusa da figura de Jesus como Messias pelo judaísmo no século I E.C. Paulo de Tarso, notoriamente, pregava pelo rompimento total do cristianismo primevo com a Lei Judaica, afinal, os judeus representavam um entrave para a legitimação da crença cristã pelo Império Romano.<sup>31</sup> O acirramento dos ânimos, ainda nos primeiros séculos da era comum, colaborou para o

---

<sup>28</sup> BARROSO, G. **Os protocolos dos sábios de Sião**. São Paulo: Editora Agência Minerva, 1936. p. 104.

<sup>29</sup> BLAY, 1989. p. 108.

<sup>30</sup> CARNEIRO, 2014. p. 42.

<sup>31</sup> *Ibidem*. p. 44-45.

estabelecimento de condições de supranacionalidade à comunidades judaicas por toda Europa, fato intensificado após o início de uma nova diáspora judaica no século II, que foi simultaneamente acompanhada pelo avanço do cristianismo por todo o Império Romano. Durante a Alta Idade Média, sinagogas eram amplamente classificadas por cristãos como o “o domicílio do Diabo”,<sup>32</sup> fato que facilitaria o longo processo de culpabilização dos judeus pelas inúmeras catástrofes humanas em andamento e futuras, a exemplo da incriminação pelo surgimento e avanço da epidemia de Peste Negra na Europa durante o século XIV.<sup>33</sup> Contudo, o antissemitismo histórico atingiria seus últimos estágios apenas no período contemporâneo, a partir do infame caso Alfred Dreyfus durante a Terceira República Francesa, ao final do século XIX.<sup>34</sup> Evento responsável pelo cisma social definitivo entre os judeus da Europa Central – ainda tratados como uma unidade supranacional – e o Estado Francês. Naquela altura, a supressão dos direitos de cidadania havia resultado em uma impotência da comunidade judaica frente ao fortalecimento de velhas retóricas eugenistas medievais. Na Alemanha, ao final da Primeira Grande Guerra, foram responsabilizados pela crise econômica sendo definitivamente imobilizados socialmente, assistiram o avanço da política de *judenrein*<sup>35</sup> sem qualquer possibilidade de resistência. Hannah Arendt argumenta como o terror, durante a História – mesmo que adaptado para as particularidades dos mais diferentes episódios tirânicos da humanidade –, sempre atendeu o mesmo objetivo de imobilização de massas, e como no caso do antissemitismo histórico a ausência de pretextos para a punição coletiva de comunidades judaicas jamais precisou ser justificada, o ódio havia se tornado

---

<sup>32</sup> FELDMAN, S. A. **Deicida e aliado do demônio: o judeu na Patrística**. Belo Horizonte: Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, v. 3, n. 5, out. 2009, p. 116. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14013>. Acesso em: 26 mar. 2024.

<sup>33</sup> FOLLADOR, K. J. **A relação entre a peste negra e os judeus**. São Paulo: Revista Vértices - USP, n° 20 (2016). p. 26. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/vertices/article/view/179257/165870>. Acesso em: 26 mar. 2024.

<sup>34</sup> Escândalo político e social que abalou as estruturas da Terceira República Francesa ao final do século XIX, gerando efeitos até o início do XX. A agitação teve início a partir da condenação do capitão Alfred Dreyfus, um oficial de artilharia francês com ascendência judaica, por suposta espionagem em favor da Embaixada Alemã em Paris. Condenado à prisão perpétua, foi enviado para a colônia penal da Ilha do Diabo na Guiana Francesa. Com a publicação da carta aberta do escritor Émile Zola “*J'Accuse...!*”, um movimento crescente de apoio político a Dreyfus dividiu profundamente a sociedade francesa, intensificando o escândalo político e judicial. Marcados pelo forte antissemitismo, todos os julgamentos resultaram em duras condenações, apesar do número exorbitante de evidências que inocentava o réu. Apenas em 1906, Dreyfus foi perdoado, libertado e reintegrado ao exército francês, onde serviu durante toda a Primeira Guerra Mundial. Cf. ZOLA, 2020.

<sup>35</sup> Na tradução literal ao português: “Limpeza de Judeus”. Principal mecanismo antissemita imposto pela Alemanha Nazista como contenção social contra judeus dos mais diferentes estratos econômicos que ainda residiam no país e em territórios anexados. Sancionado como lei federal, determinava demissões em massa, expulsões de bairros, cidades e províncias, além do confisco de bens próprios. A política abriu caminho para a formação dos Guetos, antecedendo a “Solução Final”.

intrínseco a formatação social europeia ao longo dos séculos, e dificilmente era refutado:

A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes. O terror, como o conhecemos hoje, ataca sem provocação preliminar, e suas vítimas são inocentes até mesmo do ponto de vista do perseguidor. Esse foi o caso da Alemanha nazista, quando a campanha de terror foi dirigida contra os judeus, isto é, contra pessoas cujas características comuns eram aleatórias e independentes da conduta individual específica [...].<sup>36</sup>

Em uma transposição direta para a realidade social brasileira, tendo em vista o afunilamento das relações entre Igreja e Estado Novo, a importação do discurso antissemita também foi amparada politicamente. A calma progressão do discurso no cenário nacional teve origem a partir da Associação Integralista Brasileira (AIB), uma célula nacionalista e fundamentalista formada pelo esgotamento político das oligarquias e a falência moral do Estado liberal. Em Pernambuco, os integralistas possuíam sede na Rua da Alegria no bairro da Boa Vista, inseridos em uma vizinhança quase totalmente formada por famílias judias. Conhecidos por slogans ultranacionalistas e xenofóbicos, o grupo amparava-se primariamente no discurso saudosista de resgate de um passado idealizado desmantelado pelo Golpe Republicano de 1889, replicaram ostensivamente ideais fascistas, desde a tentativa de criação de uma grande disposição paramilitar até à importação integral do discurso antissemita histórico como salvaguarda a um possível perigo comunista em solo brasileiro.<sup>37</sup> O sucesso da ligação esdrúxula dos judeus imigrantes do Leste Europeu com um possível complô marxista no Brasil rapidamente excedeu o discurso político da AIB.<sup>38</sup>

Amparado por diversos setores da elite burguesa do país, Vargas buscou cortar pela raiz o “perigo semita” que pairava sobre o país, decretando prisões e torturas de judeus (especialmente os ligados ao levante comunista de 1935, e ao PCB de uma forma geral), e a deportação de outros muitos estrangeiros envolvidos em casos classificados como

---

<sup>36</sup> ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 29.

<sup>37</sup> LEITE, J. F. C. **Entre a suástica e o sigma: o nazismo e o integralismo em Pernambuco (1938-1945)**. Orientadora: Dra. Giselda Brito Silva. 2017. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2017. p. 29-31. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8397>. Acesso em: 25 mar. 2024.

<sup>38</sup> SILVA, F. C. T. S. “*Os Fascismos*”. In: FILHO, D. A. R.; FERREIRA, J; ZENHA, C. **O Século XX, volume II - O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª ed., 2005. p. 109-163.

“desorganização estatal” ou “manutenção de ordem pública”.<sup>39</sup>

Entre os casos mais representativos da política Varguista contra estrangeiros, em Pernambuco, encontram-se: o dos irmãos Germano e Izaak Mancovitzky – originais da Bessarábia haviam imigrado para o Brasil na década de 1920 e se estabeleceram no Recife na década seguinte,<sup>40</sup> residiam no bairro da Boa Vista e trabalhavam como mascates, ambos em processo de naturalização junto ao Governo Federal – apontados como membros do PCB, a partir de cartas interceptadas de camaradas cariocas pela DOPS e enviada para DOPS-PE, foram monitorados e presos por motivo de “ordem pública” em mais de uma ocasião, com Izaak chegaram a ser apreendidos livros e panfletos considerados marxistas e revolucionários, como “A Conquista do Pão” de Pedro Kropotkine e “As Origens do Socialismo Contemporâneo”;<sup>41</sup> enquanto Salomão Kelner – nascido na Argentina em uma família judia originária do Leste Europeu, residente do bairro da Boa Vista e médico formado – foi igualmente autuado por motivo de ordem pública, em 1939, por integrar a União Democrática Estudantil, uma célula do PCB que teve atividades encerradas pelo Estado Novo em 1937, entre as obras presas em sua casa figuravam o panfleto antisemita Integralista “Salvemos o Brasil da Invasão Judaica”.<sup>42</sup>

Concomitantemente, o caso Olga Benário tornou-se o caso mais emblemático de antissemitismo no Brasil, exemplificando o conluio irrefutável da ditadura de Vargas com o ideal nazifascista europeu – casada com Luís Carlos Prestes, secretário-geral do PCB, Olga Benário Prestes foi deportada para a Alemanha Nazista em 1936, onde foi presa pela gestapo e assassinada em uma câmara de gás, juntamente com outras 199 prisioneiras do campo de concentração de Bernburg em 1942. Sob custódia nazista, Olga deu luz a única filha, Anita Leocádia Prestes, resgatada pela avó paterna após intensa campanha internacional pela vida da criança. Tornando-se o primeiro caso de antissemitismo amplamente noticiado pela mídia brasileira, apesar do apoio irrestrito de outrora a política imigratória Varguista, como aponta os inúmeros editoriais publicados pelos *Diário da Manhã* (FIGURA 02) e *Folha da Manhã*, entre outros, destacando o suposto perigo que emergia com a intensificação da imigração de judeus do Leste Europeu para o Brasil.<sup>43</sup>

---

<sup>39</sup> PACHECO, 2022. p. 274.

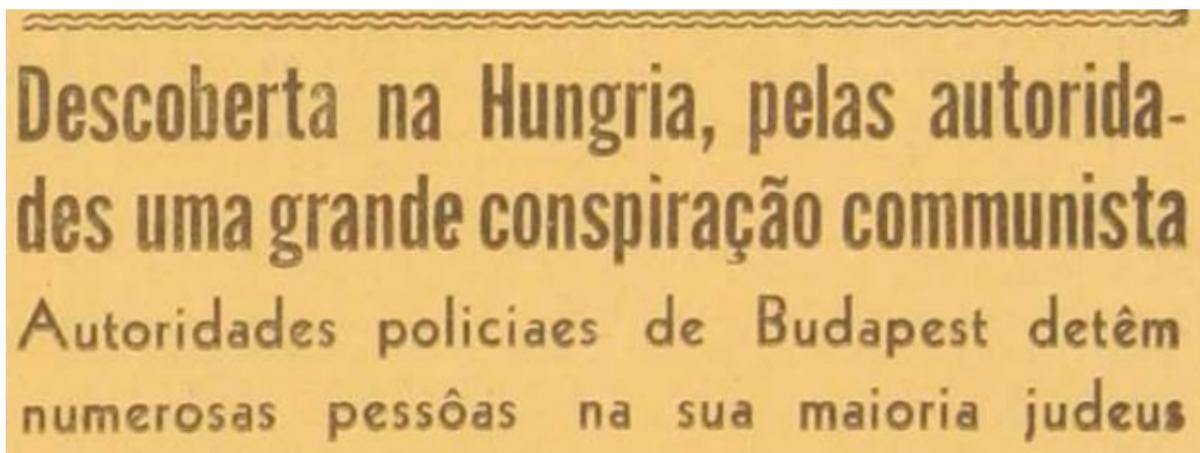
<sup>40</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Germano Mancovitzky**. Recife, 1935. 49 p.

<sup>41</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Izaak Mancovitzky**. Recife, 1932. 34 p.

<sup>42</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Salomão Kelner**. Recife, 1939. 56 p.

<sup>43</sup> LEWIS, 2011. p. 713.

**Figura 02** – Recorte do jornal Diário da Manhã, 06 de fevereiro de 1936



Fonte: Acervo Digital CEPE.<sup>44</sup>

A retórica xenofóbica e racista adotada pelo Estado Novo baseava-se também na tentativa gradual de embranquecimento populacional. Logo, teoricamente, a imigração de judeus, negros, ciganos e asiáticos representaria um obstáculo na formação étnica pretendida para o país.<sup>45</sup>

Em 1937, Vargas havia habilitado o Itamaraty a inibir novos pedidos de imigração pela Europa. Meses mais tarde, Oswaldo Aranha, então chefe do órgão, assinou o primeiro documento explicitamente negando vistos a membros de uma minoria étnica, a circular secreta nº 1.127 (FIGURA 03) datada de 20 de julho de 1938 e que proibiu a entrada de quatro judeus residentes de Budapeste.<sup>46</sup> Os decretos não impediram que cerca de 14 mil judeus refugiados, portando documentos falsos, desembarcassem em portos brasileiros, como o recifense, ou que muitos outros recebessem vistos permanentes a partir do suborno.<sup>47</sup>

Contudo, com o agravamento da Segunda Guerra Mundial poucos meses depois, a difusão dos horrores do Holocausto e a repercussão internacional e nacional das deportações

<sup>44</sup> ACERVO ONLINE COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO. **Coleção do Jornal Diário da Manhã (1927-1985), edição de 06 de fevereiro de 1936.** Recife, 2024. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1936&pagfis=471>. Acesso em: 06 fev. 2024.

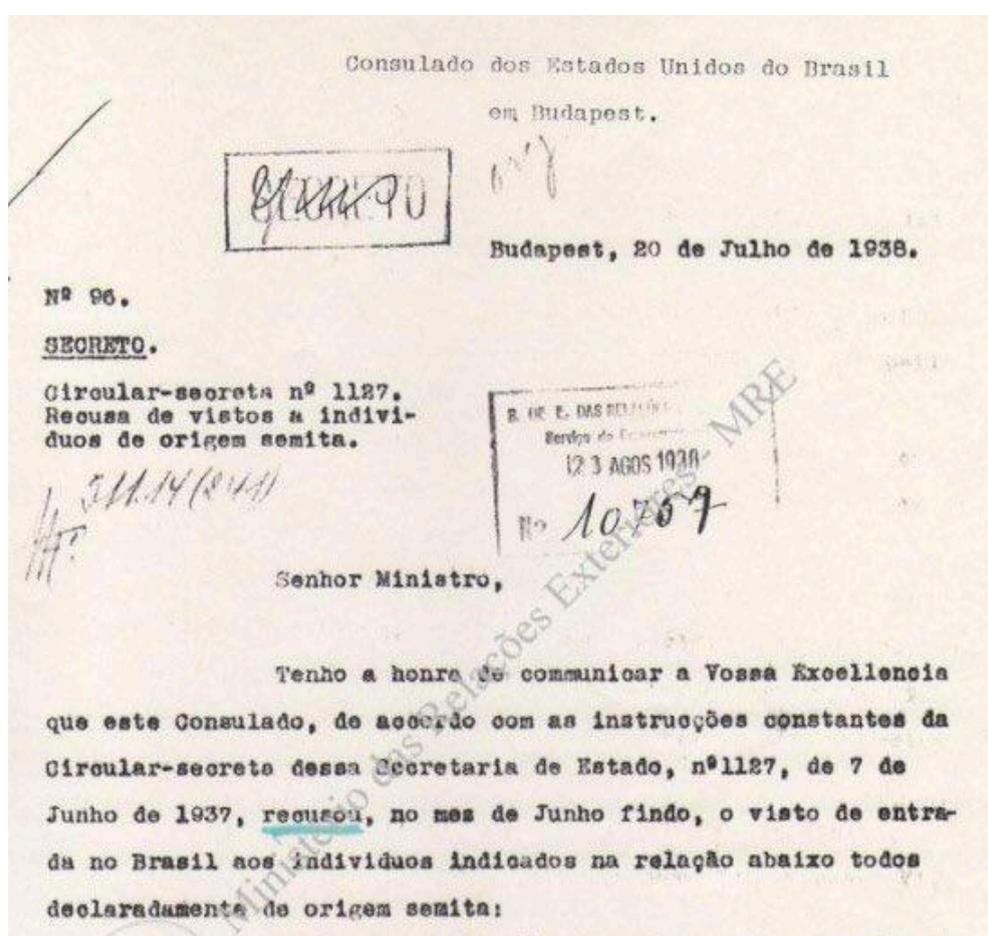
<sup>45</sup> FERRAZ, B. Z. **Os refugiados judeus no governo Vargas e o papel do embaixador brasileiro na França, Luiz Martins de Souza Dantas.** Orientador: Dr. Sócrates Nolasco. 2016. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. p. 12. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/1336>. Acesso em: 29 jan. 2024.

<sup>46</sup> ARQSHOAH - ARQUIVO VIRTUAL USP. **Circular secreta nº 1127, recusa de vistos a indivíduos de origem semita.** Disponível em: <https://travessias-arqshoah.com/archives/592>. Acesso em: 31 jan. 2024.

<sup>47</sup> LEWIS, S. **Indesejáveis e Perigosos na Arena Política: Pernambuco o anti-semitismo e a questão alemã durante o Estado Novo (1937-1945).** Orientador: Dr. Antônio Torres Montenegro. 2005. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7574>. Acesso em: 20 jan. 2024. p. 17.

em massa de judeus para campos de concentração, o posicionamento do governo brasileiro mudaria drasticamente no mesmo ano. Oswaldo Aranha decretou por meio da circular nº 1.249 a emissão de passaportes para imigrantes consanguíneos de famílias que já residiam legalmente no Brasil, além de estabelecer uma exceção para concessões automáticas de visto para imigrantes com aporte financeiro para investimentos no país. Pelas medidas Aranha ficaria conhecido popularmente como um colaborador da causa judaica, jornais de ampla tiragem chegaram a afirmar nas décadas seguintes que o ex-ministro havia concedido cerca de 16.452 vistos a imigrantes judeus, números que nunca foram confirmados.<sup>48</sup>

**Figura 03** – Resposta do Consulado do Brasil na Hungria acerca da Circular Secreta nº 1127.



Fonte: ARQSHOAH - Arquivo Virtual USP.<sup>49</sup>

Apesar da quantidade relevante de casos notificados, o antissemitismo anônimo

<sup>48</sup> KOIFMAN, F. **O Estado Novo e as restrições à entrada de refugiados: história e construção de memória.** Acervo, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 71-88, 2017. p. 81. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/839>. Acesso em: 26 jan. 2024.

<sup>49</sup> ARQSHOAH - ARQUIVO VIRTUAL USP. **Circular secreta nº 1127, recusa de vistos a indivíduos de origem semita.** Disponível em: <https://travessias-arqshoah.com/archives/592>. Acesso em: 31 jan. 2024.

pouco interferiu no desenvolvimento de um vínculo cultural dos imigrantes com o país.<sup>50</sup> Entre os judeus já residentes no Brasil – em nome da sobrevivência distante da Europa – a opção restante foi seguir normalmente com a rotina dentro do país. Para os imigrantes “clandestinos”, as viagens possuíam destinos incertos, apesar da preferência do desembarque nos Estados Unidos, mesmo em meio ao *immigration act* que limitava drasticamente o acesso de novos refugiados aos territórios estadunidenses,<sup>51</sup> assim, a América do Sul se tornou um refúgio natural para quem fugia do continente europeu. Além da Venezuela e Argentina imigrantes desembarcaram de forma contínua nos diversos portos brasileiros.<sup>52</sup>

**Figura 04** – Pintura “Bairro Judeu no Recife” de Flávio Gadêlha, 2003.



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.<sup>53</sup>

No Recife, embora majoritariamente ashkenazis, quantitativos expressivos de refugiados sefarditas também foram registrados,<sup>54</sup> mantendo o número de judeus residentes no município em franca expansão durante a década de 1940. Ainda que possuíssem baixo grau de escolaridade, adequaram-se rapidamente à atividade comercial na região, optando pelo

<sup>50</sup> LEWIS, 2019. p. 09.

<sup>51</sup> LUDEMIR, 2009. p. 588.

<sup>52</sup> RIBEMBOIM, 2023. p. 399.

<sup>53</sup> BAIRRO Judeu no Recife. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6908/bairro-judeu-no-recife>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

<sup>54</sup> RIBEMBOIM, 2023. p. 402.

estabelecimento na região central da cidade, no Bairro da Boa Vista, nos logradouros em torno da Praça Maciel Pinheiro, Rua da Imperatriz, Rua da Glória, Rua Martins Júnior, Rua da Matriz, Rua Velha e Rua do Aragão (FIGURA 04).<sup>55</sup> Ocupando sobrados que possibilitavam o funcionamento de lojas comerciais no térreo, ou exercendo a modalidade comercial do *klientelchick* por toda a região metropolitana do Recife.<sup>56</sup>

## 1.2 Experiências nazistas fracassadas em solo pernambucano

Durante o período que antecedeu a instauração da ditadura do Estado Novo, especialmente entre os anos iniciais do regime republicano no país, o fluxo migratório ao estado de Pernambuco englobou os mais diferentes grupos nacionais europeus – alemães, suecos, portugueses, entre outros com alto poder aquisitivo. Para além do antissemitismo histórico inerente a estes grupos sociais, o desembarque de um ideal colonialista supostamente civilizador e desenvolvimentista, impôs ao Brasil um forte choque sociocultural.

Tendo em vista a industrialização e rede comercial ainda incipientes, estabeleceram-se nos entornos da capital, trabalhando diretamente nas poucas fábricas em funcionamento na região, e trouxeram consigo uma carga política ainda incomum ao cenário local. Com o envolvimento de capital estrangeiro em diversas obras de interesse público, os imigrantes foram recepcionados positivamente por grande parte população pernambucana, que optou por legitimar o suposto ideal desenvolvimentista como um movimento benéfico para o estado:

As várias companhias internacionais contratadas para implementar projetos de modernização da infra-estrutura urbana traziam os estrangeiros, entre os quais se destacam os ingleses das fundições e dos serviços ferroviários, da Pernambuco Tramways and Power Company e da Fielden Brothers de iluminação a gás, franceses da Société de Batignolles que, juntamente com a Société de Construction du Port de Pernambuco, executou parte da ampliação do porto, e da Recife Draynage que, em 1871, iniciou o serviço de esgotamento sanitário do bairro do Recife, além dos belgas das fiações e tecelagens, dos franceses da Missão Francesa trazida pelo Conde da Boa Vista e Louis Vauthier, dos alemães que os precederam, e estrangeiros de diversas nacionalidades dedicados ao comércio e indústria do algodão, do couro e

---

<sup>55</sup> LUDEMIR, 2005. p. 77-78

<sup>56</sup> Herdada do ídiche a palavra denominava os vendedores ambulantes judeus que levavam a mercadoria de porta em porta nas cidades do interior pernambucano. No cenário local também seriam conhecidos como mascates.

do açúcar.<sup>57</sup>

Logo, estes imigrantes não tardaram para estabelecer instituições comunitárias próprias, que colaboraram diretamente no projeto de imposição de pautas políticas europeias em solo pernambucano, entre elas destacam-se a Capela Anglicana do Recife, revitalizada com a chegada de novos imigrantes ingleses ao estado, e a vizinha Grande Loja Maçônica de Pernambuco. Logo, tornou-se comum a transferência direta de pautas desconhecidas ao léxico pernambucano, dentre elas a agenda nazifascista – apesar de ainda incipiente ao final da década de 1920 – com o avanço da retórica de “homem novo”.<sup>58</sup> As ideias, ainda embrionárias, se tornaram temas recorrentes nas páginas dos jornais de grande circulação do estado, como o *Folha da Manhã*, de propriedade de Agamenon Magalhães, que costumeiramente desumanizava judeus e exaltava os ideais nazifascistas em suas páginas.<sup>59</sup>

**Figura 05** – Recorte do Jornal Vanguarda, 24 de março de 1942



Fonte: APEJE<sup>60</sup>

<sup>57</sup> ARRAIS; GUERRA apud LUDEMI, 2009. p. 81.

<sup>58</sup> ARAÚJO apud LEWIS, 2011. p. 706.

<sup>59</sup> NETO, J. M. ‘O importante não é falar, mas ser ouvido’: meios e entremeios da propaganda de Agamenon Magalhães em Pernambuco (1937-45). *Sæculum - Revista de História*, [S. l.], n. 10, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11288>. Acesso em: 22 nov. 2024. p. 52.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://marcozero.org/wp-content/uploads/2023/04/nazi3.jpg>. Acesso em 31 jan. 2025.

Antes da entrada oficial do Brasil na Segunda Grande Guerra, e o consequente rompimento com as potências do Eixo, era de amplo conhecimento das autoridades locais a operação de células do partido nazista em Pernambuco e na Paraíba, sob ordens direta do cônsul do Terceiro Reich em Recife e com um quadro de integrantes formado exclusivamente por imigrantes europeus (FIGURA 05). Entre o uso de braçadeiras com suásticas e a tentativa de recrutar adeptos à causa alemã, o partido enxergava no Recife uma possibilidade de avançar sob o nordeste brasileiro. Encabeçada pelo alemão Erwin Kalk, a principal célula do partido no estado operava essencialmente no município do Paulista, vizinho de Olinda, tendo como líder o expoente funcionário da Companhia de Tecidos Paulista (CTP) Arnold Smith.<sup>61</sup> Em funcionamento por mais de 6 anos, a sede pernambucana do partido focou em produzir materiais panfletários e promover a circulação do periódico nazista-brasileiro *Deutscher Morgen*, originalmente editado e publicado em São Paulo.<sup>62</sup>

Paralelamente, o DOPS-PE apresentou pouca resistência à formatação de células políticas nazistas em solo pernambucano. Em relatório do departamento, datado de 30 de maio de 1938, os herdeiros da família Lundgren, Arthur e Frederico, são mencionados como contribuintes financeiros diretos do partido.<sup>63</sup> A tradicional família Lundgren, de ascendência Sueca e Alemã, comandava o complexo fabril da CTP, que contava com sedes nos estados de Pernambuco e da Paraíba. Radicado no Recife em 1856, o patriarca da família Herman Theodor Lundgren rapidamente enriqueceu com a criação da *Pernambuco Powder Factory*, uma fábrica de pólvora, fortuna que posteriormente daria margem para a compra da CTP pelos herdeiros de Herman. Apesar do número relativamente pequeno de alemães no quadro de funcionários da fábrica, eram 49 entre os mais de 10 mil empregados de todo o complexo industrial da família, aos estrangeiros eram confiados altos cargos de chefia.<sup>64</sup> Dessa forma, os imigrantes germânicos transformaram-se em uma parcela proeminente da sociedade local, expandindo a rede de convivência comunitária inauguraram o Clube Alemão de Pernambuco – ainda em atividade no Recife –, uma Escola Alemã – voltada aos filhos dos estrangeiros germânicos em Pernambuco – e a Sociedade Beneficente Alemã.<sup>65</sup>

Um dos momentos mais emblemáticos do estreitamento das relações entre Pernambuco e Alemanha ocorreu em 22 de maio de 1930, quando aterrizou na capital do

---

<sup>61</sup> LEITE, 2017. p. 23-24.

<sup>62</sup> DIETRICH, 2007. p. 128.

<sup>63</sup> LEWIS, 2005. p. 130-144.

<sup>64</sup> HUTZLER, C. R. “Operários e patrões unidos, até quando? Uma história antiga”. **Política & Trabalho: revista de ciências sociais**. [S. l.], v. 5, 1986. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6321>. Acesso em: 20 nov. 2024. p. 62-63.

<sup>65</sup> LEITE, *op.cit.* p. 25.

estado o dirigível alemão *Graf Zeppelin LZ 127* (FIGURA 06). A visita da aeronave foi amplamente registrada pela população, que lotou o Campo do Jiquiá, na Zona Oeste, à espera da aterrissagem, a comoção descabida gerou um decreto de feriado municipal para o dia da chegada do zepelim.<sup>66</sup> A rota acabou tornando-se ponto de conexão entre as viagens das aeronaves alemãs ao Rio de Janeiro, no Recife eram reabastecidas com gás hidrogênio após a longa travessia do Atlântico.

**Figura 06** – Graf Zeppelin (LZ-127) envolto com suásticas nazistas no leme sobrevoa o bairro de Santo Antônio no Recife



Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.<sup>67</sup>

Após o estabelecimento do Terceiro Reich na Alemanha, as aeronaves envoltas de bandeiras com a suástica nazista no leme seguiram atracando na cidade, até 1937 foram registradas 63 viagens.<sup>68</sup> Em uma das viagens, em julho de 1933, militantes do partido nazista

---

<sup>66</sup> ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Hemeroteca Digital Brasileira, coleção online do jornal Diário Nacional, edição de 23 de maio de 1930.** Brasília, 2024. Disponível em: [https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/213829/per213829\\_1930\\_00888.pdf](https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/213829/per213829_1930_00888.pdf). Acesso em: 05 nov. 2024.

<sup>67</sup> Disponível em: <https://ne10.uol.com.br/mundobit/2015/05/15/retrobit-primeira-viagem-do-zeppelin-ao-brasil-completa-85-anos/index.html>. Acesso em: 22 mar. 2024.

<sup>68</sup> LESCHKO, N. M. **Ensaio de métodos para investigar o rastro gráfico de um evento: a passagem do dirigível Graf Zeppelin pelo Brasil.** Tese (doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, Rio de Janeiro, 2016. p. 86.

chegaram a desembarcar no Recife para reuniões com membros da filial pernambucana do partido no município do Paulista (FIGURA 07).

**Figura 07** – Recorte do jornal Diário de Pernambuco, 08 de julho de 1933



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira - Biblioteca Nacional Digital.<sup>69</sup>

Durante toda a década de 1930, Vargas resistiu em colocar um ponto final nas relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha Nazista, autorizando repatriações de judeus e suprimindo o impacto das atividades fascistas em solo brasileiro. Pressionado pela opinião pública, Vargas apenas declarou as filiais do partido nazista ilegais em ao final de 1938, com a promulgação do Decreto-Lei nº 383.<sup>70</sup> Mesmo assim, o Brasil manteria relações diplomáticas com o Terceiro Reich, além de manter-se neutro na guerra, por mais quatro anos:

Nos anos de funcionamento do partido (1928-1938) foram encontrados diversos documentos que fazem referência a esta “boa relação” entre os dois governos. Como exemplo, podemos citar a correspondência entre Getúlio Vargas e Adolf Hitler em novembro de 1937, por ocasião da troca de embaixadores alemães no Brasil (Arthur Schmidt-Elskop foi substituído por Karl Ritter), na qual se percebe que, mesmo alguns meses antes da proibição, as relações eram boas entre os dois países, e Getúlio Vargas chamava o chanceler alemão de “grande e bom amigo”.<sup>71</sup>

<sup>69</sup> ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Hemeroteca Digital Brasileira, coleção online do Jornal Diário de Pernambuco (1930-1939), edição de 08 de julho de 1933**. Brasília, 2024. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_11&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=9250](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=9250). Acesso em: 05 nov. 2024.

<sup>70</sup> LEWIS, 2005. p. 91.

<sup>71</sup> DIETRICH, 2007. p. 174.

A deterioração total da relação entre os dois países ocorreu na sequência do ataque de submarinos nazistas a embarcações brasileiras na costa brasileira em 1942. A irritação da opinião pública com a neutralidade persistente de Vargas ganhou força por todo o país, no município de Rio Tinto, na Paraíba, a CTP foi invadida e pilhada pela população local revoltada com os alemães ainda empregados pelos Lundgrens na fábrica.<sup>72</sup> O DOPS-PE, que havia banido o funcionamento de associações alemãs e italianas em janeiro de 1942, após o episódio impôs restrições aos estrangeiros de países do Eixo empregados na sede CTP em Paulista, incluindo a proibição de sair de casa sem autorização prévia.<sup>73</sup>

Na tentativa de contornar a animosidade da população, Vargas decretou o estabelecimento de campos de detenção para cidadãos do Eixo em 8 estados.<sup>74</sup> Um dos campos foi instituído no distrito de Chã de Estevão, em Igarassu, município vizinho de Paulista. Os “detentos”, em grande maioria, eram funcionários da CTP, motivo que levou Agamenon Magalhães a transferir total responsabilidade da manutenção e sustento do campo à família Lundgren, que manteve os prisioneiros em seus postos de trabalho nas fábricas, enquanto o campo seguiu em funcionamento até o término da Segunda Guerra em 1945.<sup>75</sup>

---

<sup>72</sup> LEWIS, 2005. p. 180.

<sup>73</sup> LEWIS, 2011. p. 711.

<sup>74</sup> DIETRICH, 2007. p. 186.

<sup>75</sup> LEWIS, 2011. p. 711-712.

## 2 A CONSOLIDAÇÃO NA BOA VISTA

Durante a década de 1910, a circulação de materiais instrutivos acerca da imigração para América do Sul tornou-se constante em parte da Europa. Os reflexos da crise econômica gerada ao término da Primeira Guerra Mundial precederam a intensificação do antissemitismo que o nazifascismo provocaria anos mais tarde. Os primeiros judeus a deixarem a Europa que ansiavam por um recomeço econômico pacífico eram atravessados pela propaganda da Agência Judaica, que produzia e distribuía livretos panfletários sobre a imigração para as Américas e para a região do Levante. Inicialmente, a agência focou em facilitar o processo de refúgio no território argentino,<sup>76</sup> posteriormente também dividiu as atenções com o auxílio aos refugiados que aportaram em solo brasileiro, especialmente nas regiões mais desenvolvidas do país (Sul e Sudeste). Entre os membros, o rabino Isaías Raffalovitch foi o responsável pela publicação do panfleto “Brasil: Uma Terra de Futuro para Imigrantes Judeus”, além de traduzir demais obras acerca da diáspora judaica nas Américas.<sup>77</sup>

### 2.1 Praça Maciel Pinheiro, o coração da imigração judaica ao Recife

A despeito da dificuldade com o português, por falarem primariamente o ídiche, apresentavam um alto grau de assimilação sócio-cultural, mantendo-se como referência comercial pernambucana até o final da década de 1970.<sup>78</sup> Entre os mais de 1.500 judeus residentes no Recife na década de 1940,<sup>79</sup> a ideia de unidade étnica moldaria cautelosamente o futuro dessas famílias:

O suposto básico é que um grupo étnico comprometido com sua cultura nacional, uma vez no novo ambiente, opere uma rede de estabilidade e de confiança para o imigrante recém-chegado, cuja vida até então é marcada pela incerteza, pela expectativa em relação a oportunidades de trabalho e quanto a diferenças culturais do novo país.<sup>80</sup>

<sup>76</sup> FALBEL, N. **Jewish Agricultural Settlement in Brazil**. *Jewish History*, vol. 21, no. 3/4, 2007, pp. 325–40. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20728553>. Acesso em: 02 abril 2024. p. 327.

<sup>77</sup> MIZRAHI apud LUDEMIR, 2005. p. 82.

<sup>78</sup> LUDEMIR, 2009. p. 592.

<sup>79</sup> RIBENBOIM, 2020. p. 377.

<sup>80</sup> MENDONÇA, 2011. p. 63.

Inserida em um cenário nacional de urbanização desenfreada, e de vasto estímulo ao êxodo rural frente ao enfraquecimento da indústria da cana-de-açúcar, a cidade do Recife vivenciou um boom populacional expressivo no início do século XX alcançando o quantitativo de 200 mil habitantes na primeira década do século. A imigração semita, intensificada no Recife a partir da década de 1910, estabeleceu o bairro da Boa Vista como interposto de uma almejada estabilização comunitária pacífica no continente sul-americano. O gesto de eleger um único bairro para a centralização de seus membros, não apenas facilitou a formatação de um organismo social judaico na cidade, mas também proporcionou uma revitalização urbana em larga escala da região, com o consequente estabelecimento da localidade como novo centro comercial do município e do estado.

O bairro da Boa Vista, outrora abandonado e detentor de um grande quantitativo de imóveis desocupados, vivenciou uma inesperada sobrevida econômica por meio da ocupação estrangeira durante a primeira metade do século XX. Superando, assim, uma configuração de poderes histórica estabelecida ainda durante a ocupação batava, e contrastando diretamente com o declínio acelerado das vielas bucólicas dos bairros vizinhos de Santo Antônio e São José, também no centro do Recife.

Entre 1918 e 1945, período que corresponde o término da Primeira Guerra Mundial e a liberação da Europa do Nazismo, o fluxo comercial no Cais José Mariano (FIGURA 08) era predominantemente centrado na manufatura de madeira. Como atividade primária demandava pouco investimento, e coincidentemente também contava com a aptidão de muitos dos imigrantes judeus acostumados ao cotidiano nos *shtetlech*<sup>81</sup> do Leste Europeu. Nos entornos da Praça Maciel Pinheiro foram dispostas inúmeras marcenarias e movelarias, que trabalhavam com pedidos sob encomenda e produtos prontos para venda, por famílias judias.<sup>82</sup> Entre os anos de 1930 e 1940 foram cerca de 64 novas empresas madeireiras inauguradas no centro do Recife.<sup>83</sup> Entre as famílias estabelecidas no ramo, destacava-se a família Katz, formada pelo casal polônes Zygmunt e Marien e seus filhos, que haviam desembarcado no Brasil em 1941 com baixas perspectivas de estabilização. Como os demais imigrantes judeus que chegaram ao Recife no período, Zygmunt foi vigiado pela DOPS-PE com relatórios diários detalhados de atividades e encontros com os demais judeus estrangeiros residentes na Boa Vista, Katz seria preso por atividades comunistas na Polônia e por evasão

---

<sup>81</sup> Termo em ídiche para pequenos vilarejos de judeus Ashkenazi, que existiam na Europa Oriental até o início do século XX.

<sup>82</sup> LUDEMIR, 2005. pp. 100-102.

<sup>83</sup> MENDONÇA, L. C. de. **Recife Mascate: A Aventura Empreendedora Lusa na Primeira Metade do Século XX**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2011. p. 181.

de justiça na Alemanha Nazista.<sup>84</sup> Uma vez liberto, Zygmunt se estabeleceria no meio madeireiro recifense se tornando líder no ramo durante a década de 1940.<sup>85</sup>

**Figura 08** – Cais José Mariano no Bairro da Boa Vista. Fotografia de Benício Dias, 1941.



Fonte: Acervo Fundaj.<sup>86</sup>

Assim, a pequena revolução no cenário comercial local, inicialmente causada pela manufatura da madeira, catapultou para fora da miséria uma dezena de famílias que haviam imigrado ao Brasil com um baixíssimo poder aquisitivo. Entre as ruas da Imperatriz e Sete de Setembro também foram criados negócios varejistas que abrangiam várias áreas do comércio urbano, desde o têxtil (Malharia Imperatriz da família Chvartz e a Malharia Econômica da família Scherb, entre outras), eletrodoméstico (Lojas Boa Vista, pioneira nas compras à prestação em grandes lojas, pertencia às famílias Cherpak e Kaufman), ótico (Casas Lux Ótica da família Steremberg e Clocks da família Margolis), joalheiro (Joalheria Cruzeiro da família Kertsman e Aliada Joias) além do literário (Livrarias Imperatriz da família Berenstein).<sup>87</sup>

<sup>84</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Zygmunt Katz**. Recife, 1937. 23 p.

<sup>85</sup> LUDEMIR, 2005. p 101.

<sup>86</sup> Disponível em: <https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/base-da-villa-digital/iconografia/item/1678-cais-jose-mariano>. Acesso em: 02 maio 2024.

<sup>87</sup> RIBEMBOIM, 2020. p. 515-516.

Contudo, o *klientelchick* ocuparia a maior parcela da atividade comercial entre os imigrantes judeus estabelecidos no Recife na primeira metade do século XX:

O *klientelshik* saía batendo de porta em porta nos bairros mais pobres, com seus pacotes de sombrinhas, tecidos, quadros, enfeites, guarnições de cama e mesa, e tudo o que podiam transportar nas caminhadas a pé, a cavalo, em carroças, de trem ou de bonde. A clientela, em sua maior parte constituída por pessoas de limitado poder aquisitivo, via no sistema de pagamento semanal a sedução para adquirir os bens desejados”.<sup>88</sup>

Habitados ao comércio a prazo na Bessarábia, os judeus assumiram involuntariamente a herança do passado mascate que permeava o ideário local e mostraram-se aptos a atualizar uma das profissões mais populares da história de Pernambuco. Instituído a venda a prazo, estabeleciam lucro ao instituir pequenas taxas de juros nas parcelas devidas, e a prática rapidamente se mostrou atrativa para a população local.<sup>89</sup> Dentre as famílias que se viram inseridas na atividade mascate pernambucana, destacavam-se os Lispector, judeus ucranianos comerciantes, inicialmente estabelecidos na Rua Gervásio Pires na Boa Vista.<sup>90</sup> Os irmãos Salomão e Pedro Lispector residiam com a família em um sobrado modesto nos arredores da Praça Maciel Pinheiro e haviam priorizado o *klientelchick* como última saída para o sustento da família. Contudo, assim como os demais também auferiram retorno financeiro limitado, fato que se transformaria no principal motivo da mudança da família para o Rio de Janeiro anos mais tarde.

Entretanto, mesmo passível a fragilidades, tornar-se mascate representava um mecanismo imprescindível para a subsistência de uma população empurrada à marginalização. O retorno financeiro, mesmo que limitado, proporcionou margem suficiente para a criação de uma rede de apoio coletiva por meio do Centro Israelita de Pernambuco, que financiou uma teia de equipamentos próprios para os judeus membros, como clube coletivo, escritório jurídico, biblioteca, time de futebol próprio (FIGURA 09), teatro ídiche,<sup>91</sup>

<sup>88</sup> KAUFMANN apud CAVALCANTE, 2020. p. 31.

<sup>89</sup> CAVALCANTI, H. I. **Clarice Lispector: no coração do Recife (1925-1935)**. Orientador: Helder Remigio de Amorim. 2020. Dissertação (mestrado) - Pós-graduação em História, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1289>>. Acesso em: 20 fev. 2024. p. 30-31.

<sup>90</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Salomão Lispector**. Recife, 1933. 11 p.

<sup>91</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Teatro**. Recife, 1936. 12 p.

restaurantes *kosher*,<sup>92</sup> banco,<sup>93</sup> colégio israelita,<sup>94</sup> movimentos políticos organizados, entre outros estabelecimentos.

**Figura 09** – Jogadores do time de futebol profissional Israelita Sport Club



Fonte: Documentário “Um time, 11 judeus”<sup>95</sup>

Por conseguinte, eram amplamente monitorados pelo DOPS-PE, submetidos a licenças de reuniões, funcionamento e movimentação – como o pedido de autorização deferido para realização de um picnic coletivo na praia de Gaibu no Cabo de Santo Agostinho. Também sendo compelidos a submeter relatórios de atividades, reuniões – especialmente acerca do Colégio Israelita –, relação de bens, número anual de membros filiados, quantias financeiras recebidas pelos colaboradores e detalhamento dos estatutos aprovados pela mesa diretora.<sup>96</sup>

Apesar dos judeus estabelecidos na Boa Vista serem em grande maioria ashkenazi, uma modesta presença serfadi se fez presente, algo que pouco influenciou o desafio

<sup>92</sup> Termo utilizado para descrever os alimentos que seguem rigorosamente as leis judaicas tradicionais. Sendo seguida por muitos judeus como demonstração de reverência ao corpo da tradição religiosa judaica.

<sup>93</sup> LUDEMIR, 2005. p. 133.

<sup>94</sup> Tornou-se o primeiro Colégio Israelita brasileiro, sendo inaugurado em 1918. A instituição acompanhou as transformações sócio-econômicas vividas pela comunidade judaica recifense. Inicialmente localizado no bairro da Boa Vista, acompanhou a dispersão da comunidade para as zonas de maior poder aquisitivo da cidade, durante o processo de sucateamento do centro da cidade, e também como reflexo da ascensão social dos seus membros financiadores. Hoje, localiza-se no bairro da Torre, na zona norte recifense, sob o nome de Colégio Israelita Moysés Chvarts, e próximo ao Centro Israelita de Pernambuco. Cf. RIBEMBOIM, 2023.

<sup>95</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UP1-H2xAq3Y>. Acesso: 22 mar. 2024.

<sup>96</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Centro Israelita de Pernambuco**. Recife, 1936. 192 p.

político-religioso de se alcançar uma identidade comunitária unitária. Segundo os registros do antigo Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco – instituto que foi liderado pela historiadora Tânia Kaufman, e funcionou da segunda metade do século XX ao início do século XXI – compilados por Jacques Ribemboim indicam que o funcionamento, na região do bairro da Boa Vista, de cinco sinagogas: a *Schil Sholem Ocnitzer* (liderada pelo grupo ashkenazi deslocado de Ocnitza na Bessarábia, e ainda em funcionamento até os dias atuais); a sinagoga *Sukuron* (liderada pelo grupo ashkenazi deslocados da cidade de mesmo nome na Bessarábia); a Schil Chaim Leib (inaugurada na década de 1940, aglutinando imigrantes deslocados de diferentes regiões do Leste Europeu, conhecida por ter operado um *cheder*);<sup>97</sup> a sinagoga das “polacas” (imigrantes conduzidas ao Recife para prostituição); além da sinagoga sefardita (que buscou atender os anseios de uma parcela minoritária de judeus presentes no Recife pela manutenção dos ritos *sefardim*).<sup>98</sup> Apesar das amplas diferenças culturais, a união em torno de uma vivência coletiva ditaria os rumos da comunidade nos anos seguintes:

As práticas religiosas, a alimentação, a comunicação com a manutenção do iídiche, as comemorações religiosas, aproximavam os imigrantes, muitos dos quais deram início a laços de amizade entre famílias e de parentesco, através de casamentos. O *minian* estava assegurado para qualquer situação que o exigisse. Se, por um lado, na colônia, o “mundo ashkenazim” com suas tradições trazidas da Europa reconstruía-se, por outro, mudanças ocorriam com a introdução de novos alimentos à dieta, a substituição das roupas.<sup>99</sup>

## 2.2 Chegam os sobreviventes do Shoah

Nos meses que seguiram a queda da Alemanha Nazista e do fim do Holocausto, milhares de judeus intensificaram o constante fluxo imigratório rumo as Américas. Fugindo definitivamente de um continente europeu assolado pelo atissematismo endêmico. A América

---

<sup>97</sup> Geralmente uma escola comunitária nos moldes tradicionais ocidentais, com foco principal na instrução dos preceitos da cultura e religião judaica, além de funcionar como principal mecanismo de manutenção comunitária do ensino da língua hebraica entre crianças.

<sup>98</sup> KAUFMAN apud RIBEBOIM, 2020. p. 443-445.

<sup>99</sup> GUTFREIND, I. *Judeus no sul do Brasil, Porto Alegre-RS: da dispersão grupal à construção institucional e comunitária*. In: LEWIN, H. (coord.). **Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, p. 80-96. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/583jd/pdf/lewin-9788579820182-12.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2024. p. 81.

do Sul seguiu acolhendo uma grande parcela desses refugiados semitas, que passaram a ser majoritariamente sobreviventes de campos de concentração nazistas.

Despidos violentamente de qualquer vínculo com os Estados que abandonaram, desembarcaram nos portos latino-americanos munidos apenas com sua própria língua (geralmente o ídiche) e dos ritos tradicionais que sobreviveram a mais de uma década de Holocausto. A fração dos imigrantes que chegou ao Brasil havia vivenciado de forma intensa o declínio da própria preponderância humana e econômica, providos de um baixo poder aquisitivo, muitos desses judeus desembarcavam nos portos do “Novo Mundo” empenhados em seguir uma vida proletária e discreta – até mesmo aqueles com nível superior completo – objetivando uma assimilação total com a baixa burguesia das cidades satélites locais, como era o caso da cidade do Recife.

Apesar de encontrar no Brasil uma política imigratória restritiva durante a Segunda Guerra, o gradativo crescimento populacional alimentou-se da necessidade de sobrevivência e de manutenção de um ideal de coletividade de judaísmo. Despidos de suas “nacionalidades”, o ideal de unidade e diversidade adotado pela comunidade recifense seria forjado através da busca por uma identidade brasileira própria. Insistiriam no Recife como último interposto para própria sobrevivência, uma vez nacionalizados seriam brasileiros, no pior dos cenários seus filhos ou netos seriam brasileiros. O “gueto judeu” transformaria a vida na Boa Vista ao seguir seus próprios ritos: respeitando o *shabbat*; mantendo lojas fechadas em feriados sagrados judaicos; e também ao respeitar a diversidade da vida comunitária recifense nos arredores da Praça Maciel Pinheiro, endereço da Paróquia do Santíssimo Sacramento e muitas outras instituições cristãs.<sup>100</sup>

A convergência de séculos de intesificação de uma retórica antisemita uniforme e incessante foi explicitada pelo Holocausto e tornou-se explícita entre os relatos de sobrevivência dos inúmeros refugiados que aportavam em terras brasileiras durante a execução do plano de extermínio de judeus executado pela Alemanha Nazista.

Jacques Ribemboim, a partir de um levantamento das famílias refugiadas que aportaram no Recife no pós-Shoah, ampara a asserção da condição de extrema vulnerabilidade socioeconômica dos imigrantes.<sup>101</sup> Um dos casos mais emblemáticos, o de Willy Daube, didatiza o périplo enfrentado até o desembarque no Brasil. Após ser expulso do curso de direito em uma universidade de prestígio no leste alemão, foi enviado para um campo de trabalhos forçados ainda em 1937, de onde escapou com auxílio de ex-colegas de

---

<sup>100</sup> LUDEMIR, 2005. p. 219-221.

<sup>101</sup> RIBEMBOIM, 2023. p. 406-428.

curso e fugiu rumo a uma França neste momento ainda livre. Daube conseguiu embarcar no Brasil pouco tempo mais tarde, inicialmente estabilizando-se no Rio Grande do Norte, mas participando ativamente da administração da Sinagoga Israelita do Recife no bairro da Boa Vista nos anos seguintes.<sup>102</sup>

Entre os demais refugiados que desembarcaram no Porto do Recife, também encontravam-se: ex-combatentes do Exército Vermelho, que participaram dos diversos *fronts* da guerra, como Leon Krauthamer e Aron Rosenblatt; membros de movimentos de resistência e contra-espionagem, como David Ende; crianças e adolescentes acolhidas por famílias católicas e disfarçadas de cristãs, como Luiz e Jacques Kano; e até mesmo judeus que realizaram o *aliá*, participando do início da Guerra de Independência Israelense, e que optaram pela imigração ao Recife, como Alexandre Lomachinsky.<sup>103</sup>

Com o término da ditadura do Estado Novo, grande parte das comunidades judaicas ainda incipientes em solo brasileiro, encontraram-se inseridas em um novo cenário de ebulição sociopolítica de nível global. Apesar da constância do contingente imigratório que partia rumo as Américas, a propaganda sionista ganhava cada vez mais espaço entre as células sociais judaicas de todo o mundo, a agenda da luta colonialista por autodeterminação na região palestina do Levante chamava a atenção mesmo dos não-judeus. Com o avanço da retórica, diversos membros realizariam o *aliá*<sup>104</sup> rumo aos primeiros assentamentos em forma de *kibutzim* no território palestino.<sup>105</sup>

---

<sup>102</sup> RIBEMBOIM, 2023. p. 418-419.

<sup>103</sup> *Ibidem*. p. 411-412.

<sup>104</sup> No sentido literal: retorno. Figura de linguagem para a imigração contemporânea para a região Palestina do Levante, e após 1948 propriamente para o Estado de Israel, uma região religiosamente/culturalmente interligada à história judaica como “a terra prometida” do “povo escolhido”.

<sup>105</sup> Uma comunidade coletiva rural, baseada na combinação do sionismo e socialismo marxista-leninista, partindo de um processo averso à utilização dos meios de produção privados. Contudo, atualmente, muitos Kibutz apresentam-se com propriedades privadas, abandonando parcialmente o caráter inicial proposto pelos primeiros colonizadores.

### 3 O COMPLEXO CENÁRIO POLÍTICO DO PÓS-GUERRA

Inseridos em um cenário de avanço da propaganda sionista, a imigração ao Recife contrastava diretamente com o crescente êxodo judaico rumo ao território palestino, que até 1948 constituía o Mandato Britânico da Palestina, uma colônia estabelecida com a queda do Império Turco-Otomano ao término da Primeira Grande Guerra.

Entretanto, a ideia da criação de um Estado nacional judaico se apresentava como um projeto menos atraente, frente a imigração consolidada para as Américas, especialmente frente ao grande quantitativo judaico recém estabelecido nos Estados Unidos. No Recife, o debate sionista ganharia espaço com o avanço da área de atuação da Agência Judaica Internacional no Brasil, que promovia a agenda sionista por meio de ajuda financeira aos interessados em realizar o aliá.<sup>106</sup>

#### 3.1 Breve panorama do avanço sionista

Em 1896, frente ao avanço dos pogroms no Leste Europeu e o do antijudaísmo desenfreado na Europa Central, o jornalista austro-hungaro Theodor Herzl publicou o panfleto étnico-nacionalista *Der Judenstaat* (em tradução literal: O Estado dos Judeus) em Viena.<sup>107</sup> O texto tornou-se o ponto de inflexão na formatação de um movimento para autodeterminação judaica pautado primordialmente na suposta legitimidade judaica sob a região ao sul do Levante.<sup>108</sup> Com a constituição de uma Organização Sionista Mundial e a realização de recorrentes congressos em busca de apoio a causa dentro da Europa, a alegação que a criação de um Estado independente judeu seria a única alternativa frente a crescente antissemita ganhou espaço dentro do cenário político do continente.<sup>109</sup> Durante o Primeiro Congresso Sionista em 1897, a ideia de equiparação do projeto sionista ao programa colonial inglês na África do Sul foi oficialmente apresentada,<sup>110</sup> e processos colonizadores paralelos

<sup>106</sup> FALBEL, 2007. p. 327.

<sup>107</sup> BASSI, D. M. G.. **A ideia de um Estado binacional na Palestina histórica: conceitos, evolução histórica e perspectivas na atualidade**. Orientador: Prof. Dr. Peter Robert Demant. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22082016-130222/pt-br.php>>. Acesso em: 21 fev. 2024. p. 29.

<sup>108</sup> MUNIZ, A. V. S. **Processo de Identificação: Um Estudo de Caso da Comunidade Judaica do Recife e sua relação com o Estado de Israel**. Orientador: Dr. Remo Mutzenberg. 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9273>> Acesso em: 30 jan. 2024. p. 52.

<sup>109</sup> *Ibidem*. p. 59-60.

<sup>110</sup> GRESH, Alain. **Israel, Palestina: Verdades sobre um Conflito**. Porto: Campo das Letras, 2002. p. 24.

para a possibilidade de criação de um Estado judaico em outras regiões do planeta foram discutidos visando regiões com baixa densidade populacional como Argentina, Austrália, Madagascar e Uganda. O único projeto concreto ficaria conhecido como Programa para a Uganda Britânica.<sup>111</sup> Contudo, a palavra “sionismo” que havia sido criada a partir da nomenclatura do Monte Sião da Cidade Velha de Jerusalém, uma pequena colina adjacente ao Monte do Templo que com o passar dos séculos passou a personificar a concepção bíblica da “Terra de Israel”.<sup>112</sup>

Amparando-se na passagem presente nos versículos 1 a 30 do capítulo trinta e um do livro de Deuteronômios<sup>113</sup>, narrado ostensivamente por Moisés em forma de sermão aos israelitas<sup>114</sup> durante o périplo no deserto do Monte Sinai rumo à “Terra Prometida”.<sup>115</sup> Os escritos atribuídos a Moisés seriam utilizados como o principal instrumento na justificativa pela formatação de um processo de autodeterminação na região da Palestina,<sup>116</sup> mesmo que no léxico judaico a ideia de uma reunião e consequente formatação de uma nação judaica caberia exclusivamente ao Messias – ainda que a noção de pátria assinalada no texto sagrado seja distinta do conceito de Estado nacional contemporâneo.<sup>117</sup> Por conseguinte, uma hesitação inicial em torno do tema englobou os vários atores do meio judaico do período. Entre os resistentes à ideia, destacavam-se os Yishuv,<sup>118</sup> os *haredi* – popularmente conhecidos como ultraortodoxos, residentes seculares do bairro *Mea Shearim* em Jerusalém –,<sup>119</sup> além dos pequenos quantitativos de judeus residentes nas cidades sagradas e satélites da região do Palestina desde o medievo. Para todos esses grupos a formação artificial de uma nação judaica, desamparada de uma figura física profética, representaria uma evidente blasfêmia:

A minha concepção da essência do judaísmo opõe-se à ideia de um Estado judaico, com fronteiras, um exército e uma qualquer forma de poder temporal, mesmo que

---

<sup>111</sup> BASSI, *op. cit.* p. 30.

<sup>112</sup> GRESH, 2002. p. 22.

<sup>113</sup> “Então o Senhor teu Deus te fará voltar do teu cativo, e se compadecerá de ti, e tornará a ajuntar-te dentre todas as nações entre as quais te espalhou o Senhor teu Deus. Ainda que os teus desterrados estejam na extremidade do céu, desde ali te ajuntará o Senhor teu Deus, e te tomará dali; E o Senhor teu Deus te trará à terra que teus pais possuíram, e a possuirás; e te fará bem, e te multiplicará mais do que a teus pais.” Cf. Deuteronômios 30:3-5.

<sup>114</sup> O termo “israelitas” foi biblicamente empregado aos membros das doze “Tribos de Israel”. A herança da ascendência israelita seria reivindicada pelos judeus que realizaram o aliá para os territórios palestinos e que constituíram o Estado nacional judaico de Israel.

<sup>115</sup> GRESH, *op. cit.* p. 20.

<sup>116</sup> MUNIZ, 2008. p. 52

<sup>117</sup> BASSI, *op. cit.* p. 16.

<sup>118</sup> Termo idealizado apenas ao término do século XIX, designando a comunidade judaica residente na região palestina no período anterior ao estabelecimento de um Estado judaico independente. Cf. MUNIZ, *op. cit.* p. 53.

<sup>119</sup> GRESH, *op. cit.* p. 89.

limitado. Receio o desgaste interno que isso acarretará para o judaísmo — e sobretudo o crescimento de um nacionalismo estreito nas nossas próprias fileiras (...). Um regresso a uma nação, no sentido político do termo, equivale a afastarmo-nos da espiritualidade da nossa comunidade, espiritualidade à qual devemos o gênio dos nossos profetas.<sup>120</sup>

Simultaneamente, dentro do território palestino controlado pelo Império Otomano, ocorria o primeiro grande movimento de aliá entre as décadas de 1880 a 1910, quando cerca de 25 mil judeus deslocados por pogroms estabeleceram-se na região apesar da pouca ou ínfima influência da propaganda de Herzl.<sup>121</sup> Grande parte destes imigrantes direcionavam o caráter colonizador embebido ao aliá na povoação de regiões com baixa densidade demográfica, a partir dos *kibbutz*<sup>122</sup> e *moshavim*.<sup>123</sup>

Ao término da Primeira Guerra Mundial e partilha entre França e Reino Unido dos territórios árabes anteriormente controlados pelos Otomanos, o Reino Unido adotaria uma política de conciliação e anuência com a assinatura da Declaração de Balfour, legitimando pela primeira vez apoio a criação de uma “*national home*” (tradução livre: casa nacional) para a comunidade judaica britânica.<sup>124</sup> Com a instituição do Mandato Britânico da Palestina, foi criada automaticamente a Comissão Sionista para Palestina, um grupo de estudo para viabilização da criação de um Estado nacional judaico baseado na *Halakha*<sup>125</sup> no território palestino. Renomeada para Agência Judaica, e formalmente amparada pelo governo Britânico, a agenda sionista avançou pelas comunidades judaicas da Europa, adquirindo apoio financeiro e político, também alcançando as comunidades deslocadas para o continente americano.<sup>126</sup> No Brasil, a agência se tornou responsável pelo apoio diplomático aos judeus recém estabelecidos, trabalhando diretamente para a construção de escolas, sinagogas e centros judaicos, oferecendo apoio logístico e em muitos casos financeiros.<sup>127</sup> Com a outorga do governo Britânico, movimentos de assentamento em propriedades privadas agrícolas

<sup>120</sup> EINSTEIN apud GRESH, 2002. p. 24.

<sup>121</sup> BASSI, 2016. p. 29.

<sup>122</sup> Assentamento agrícola coletivo, inicialmente criados como um refúgio utópico ao antissemitismo desenfreado no continente europeu.

<sup>123</sup> Diferentemente dos *kibbutz*, os *moshavim* eram caracterizados como assentamentos individuais, entretanto, igualmente divididos entre seus colonos. Cf. EISENSTADT, 1977. p. 68-69.

<sup>124</sup> EISENSTADT, 1977. p. 48.

<sup>125</sup> É o conjunto de leis religiosas judaicas derivadas das tradições (escritas e orais) presentes na Torá. Sendo primariamente baseada em mandamentos bíblicos, leis talmúdicas e rabínicas e em costumes e tradições preservadas ao longo dos séculos.

<sup>126</sup> LISSOVSKY, A. **2000 anos depois: o renascimento de Israel**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/tfhj9>. Acesso em: 09 jan. 2025. p. 177.

<sup>127</sup> FALBEL, 2007. p. 327.

individualistas, como os Moshava,<sup>128</sup> se proliferaram, seguidos do avanço judaico em áreas urbanas do território palestino. Esse colonialismo insipiente rapidamente se transformaria no principal ponto de atrito para a formatação definitiva um Estado judeu no Levante:

Apesar de um credo socialista, os sionistas assemelhavam-se aos colonos que se instalaram na Argélia ou na África do Sul, convencidos de que faziam progredir a civilização junto das populações selvagens. O sionismo na Palestina, a despeito das suas formas específicas, está ligado ao movimento de colonização em dois planos: pela sua atitude com as populações “autóctones”; pela sua dependência em relação a uma metrópole, a Grã-Bretanha, pelo menos até 1945.<sup>129</sup>

### 3.2 Os reflexos na comunidade recifense

Com o avanço acachapante do sionismo durante as décadas de 1930 e 1940, o cenário judaico recifense não escaparia do debate ideológico causado pelo movimento. Apesar da hesitação inicial, ao término da segunda guerra mundial, o aliá, em forma de estabelecimento em kibbutz no território palestino, seria registrado entre os membros da comunidade pernambucana. Dentre os diversos membros deslocados para os assentamentos a partir da propaganda sionista, distingue-se Jacques Kano – um dos sobreviventes do Holocausto que foi entregue a católicos ainda criança e que reencontou os membros sobreviventes de sua família biológica ao fim da guerra, imigrando juntos para o Recife na sequência –, residente do bairro da Boa Vista, foi membro do PCB e do Centro Israelita local até ser atravessado pela propaganda sionista e realizar o aliá para o kibbutz *Guivat-Oz*, próximo a Nazaré.<sup>130</sup>

Aproveitando-se do cenário local instável, a Agência Judaica trabalhou ativamente para a criação e manutenção de movimentos juvenis no país, sendo o grupo *Chazit Hanoar* a principal célula de mobilização, enquanto os grupos *Hashomer-Hatzair* e *Habonim dror*, que simpatizavam com o leninismo, buscavam propagar a causa entre os setores mais resistentes e progressistas.<sup>131</sup> O ideal fortemente promovido pela agência indicava que apenas o estabelecimento de um Estado judeu no território palestino poderia proporcionar a paz definitiva frente ao antijudaísmo endêmico no Brasil e no mundo.

---

<sup>128</sup> Em oposição ao kibbutz, representam assentamentos agrícolas privativos e individualistas.

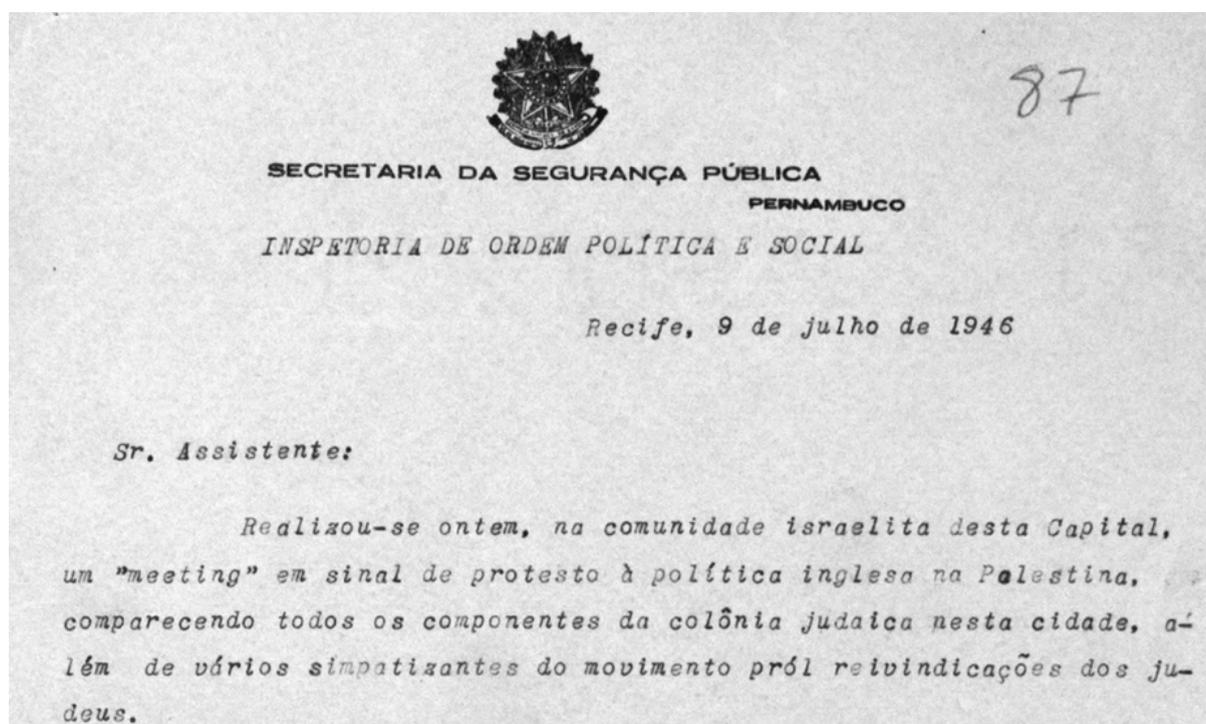
<sup>129</sup> GRESH. 2002. p. 24.

<sup>130</sup> RIBEMBOIM, 2020. p. 429.

<sup>131</sup> *Ibidem*. p. 411-412.

Assim, o avanço da agenda colonialista tencionou os membros da comunidade local recifense, inseridos no complexo cenário de transição da ditadura do Estado Novo para uma democracia, e conseqüentemente um ambiente sem garantias políticas de estabilidade. Os judeus residentes em Pernambuco e região se segmentaram entre os que apoiavam e os céticos ao movimento étnico-nacionalista. Ribemboim exemplifica como o cenário inflamado propiciou, inclusive, a criação das alcunhas como *rôiter* (vermelhos ou comunistas) e *isríuel* (para os defensores da criação de Israel), com ambas as palavras derivando do ídiche.<sup>132</sup>

**Figura 10** – Primeira Reunião Sionista, 9 de julho de 1946



Fonte: APEJE<sup>133</sup>

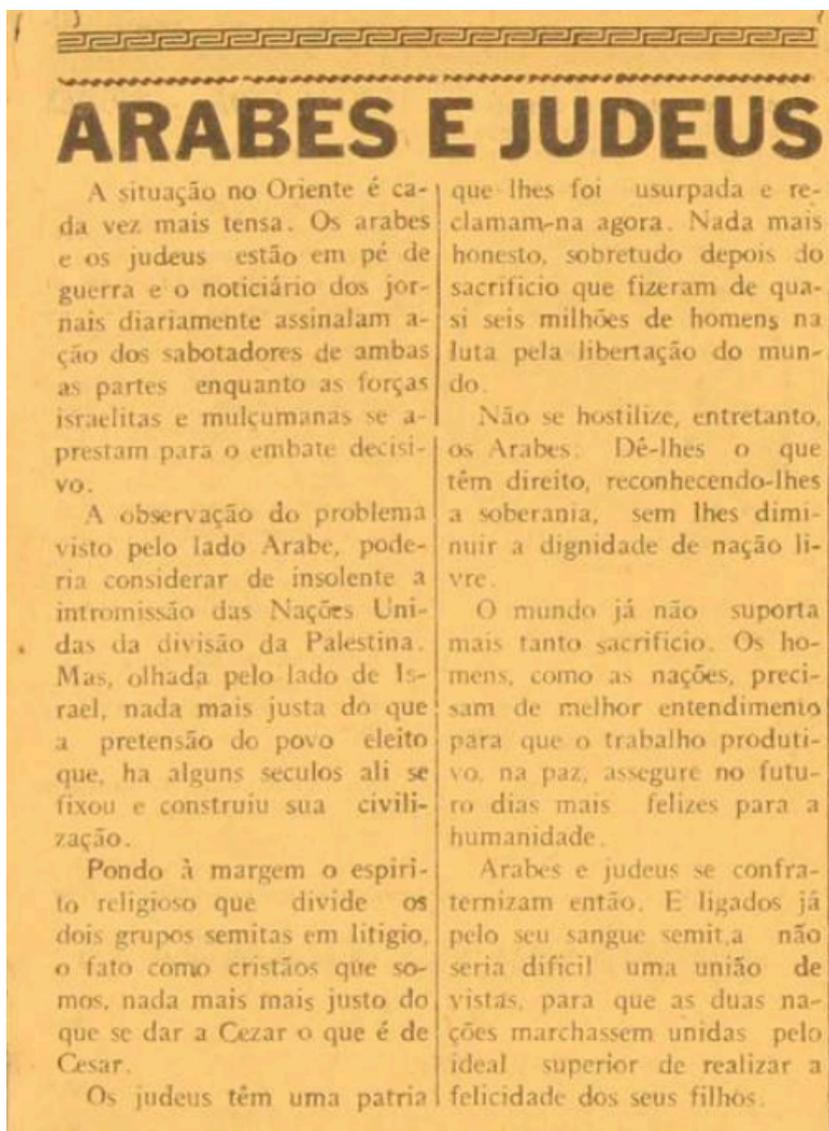
Com o término da Segunda Guerra Mundial, a compreensão da brutalidade perpetrada pelos nazistas com a *Endlösung der Judenfrage* (em alemão, Solução final da questão judaica), o Centro Israelita de Pernambuco adotaria oficialmente um protocolo de anuência ao programa sionista, como indica o relatório de atividades enviado a DOPS-PE em 9 de julho de 1946 (FIGURA 10). Entre os membros da “Comissão Central de Protestos à Questão da Palestina”, figurava Moysés Chvartz, comerciante proprietário das malharias imperatriz, e que ao longo das décadas de 1940 e 1950 assumiria o posto de presidente da Federação Sionista

<sup>132</sup> RIBEMBOIM, 2020. p. 428-429.

<sup>133</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. *Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Centro Israelita de Pernambuco*. Recife, 1936. 192 p.

Unificada em Pernambuco, tornando-se o principal responsável pela manutenção da propaganda sionista na capital.<sup>134</sup>

**Figura 11** – Recorte do jornal Diário da Manhã, de 28 de março de 1948



Fonte: Acervo Digital CEPE.<sup>135</sup>

No campo midiático, os jornais de maior tiragem no cenário recifense dedicavam-se de forma recorrente a cobertura dos incidentes causados pelo avanço judaico no território palestino, matérias Diário da Manhã apresentavam pela primeira vez um caráter cordial ao

<sup>134</sup> ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Moysés Chvarts**. Recife, 1941. 20 p.

<sup>135</sup> ACERVO ONLINE COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO. **Coleção do Jornal Diário da Manhã (1927-1985), edição de 28 de março de 1948**. Recife, 2024. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1948&pagfis=831>. Acesso em: 27 jan. 2024.

relatar o drama dos judeus no pós-guerra. Entre as matérias era incontestável a importação do discurso de “urgência” da criação de um Estado judeu como forma de remediação ao sofrimento perpetrado aos judeus (FIGURA 11), além do destaque lançado ao risco que as atividades de colonos “terroristas” representavam aos demais colonos que buscavam uma vivência pacífica com os arábes já estabelecidos no território palestino (FIGURA 12).

**Figura 12** – Recorte de 8 de dezembro de 1946 do jornal Diário da Manhã.



Fonte: Acervo Digital CEPE.<sup>136</sup>

Logo, torna-se evidente a drástica mudança de discurso em torno da causa judaica a nível global, antes impedidos de usufruírem de direitos humanos básicos e considerados subversivos, ao término da Segunda Guerra um sentimento de compadecimento se sobrepôs a retórica antissemita secular, o sentimento culminaria no apoio político irrestrito a criação do Estado de Israel pela ONU em 1947.

---

<sup>136</sup> ACERVO ONLINE COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO. **Coleção do Jornal Diário da Manhã (1927-1985), edição de 08 de dezembro de 1946.** Recife, 2024. Disponível em: <http://200.238.101.22/doceader/doceader.aspx?bib=DM1946&pagfis=227>. Acesso em: 06 fev. 2024.

## CONCLUSÃO

A convergência de séculos de amplificação de uma retórica antissemita uniforme e incessante torna-se explícita entre os relatos de sobrevivência dos inúmeros refugiados que aportaram em território brasileiro durante a primeira metade do século XX. No Recife, a consolidação comunitária se deu a partir de um rápido processo de assimilação socio-cultural dos imigrantes ao cotidiano local, mesmo em meio às diversas barreiras políticas impostas pela importação do antissemitismo histórico pela ditadura do Estado Novo, durante as décadas de 1930 e 1940. Adaptando-se ao cenário comercial local, tornaram-se líderes no comércio madeireiro e têxtil, além de introduzir o *klientelchick* como última perspectiva de sobrevivência em um Brasil ainda hostil, proporcionando um modesto aporte financeiro aos seus adeptos. O sucesso da consolidação no município viabilizaria a manutenção de um fluxo migratório judaico contínuo nos anos seguintes, onde os membros familiares ainda residentes no velho continente teriam a oportunidade de realizar a travessia do atlântico. O vínculo duradouro com o meio social recifense seria explicitado nas décadas seguintes, com a comunidade judaica pernambucana tornando-se berço de personalidades ilustres da sociedade pernambucana, seja da escritora Clarice Lispector ao físico Mário Schenberg.<sup>137</sup>

Entretanto, imbuídos de um passado inexpugnável, o recomeço em Pernambuco jamais representaria uma abdicação de ritos e tradições. Mesmo perseguidos, presos, vigiados e controlados pelo Departamento de Ordem Política e Social de Pernambuco, uma vez estabelecidos no bairro da Boa Vista, no centro do Recife, constituíram uma rede de apoio coletiva encabeçada pelo Centro Israelita de Pernambuco – que seria responsável por colégios, sinagogas, cemitérios, banco, teatro e festivais sazonais de cultura judaica –, alicerçando-se no caráter de unidade coletiva intrínseco ao judaísmo.<sup>138</sup>

Com o término da Segunda Guerra Mundial, apesar do distanciamento geográfico entre Pernambuco e o território palestino, também se vivenciaria integralmente um amplo debate ideológico em torno do colonialismo sionista no pós-Holocausto e do processo de autodeterminação judaica no território palestino. Sob a sombra do início da Guerra Fria, um cisma político ameaçaria criar uma cisão entre os apoiadores e quem resistia à ideia. Atravessados pela propaganda sionista, o número de judeus que realizariam o aliá aumentaria exponencialmente ao longo de todo o século XX, acompanhando o salto demográfico israelense no mesmo período, mesmo em meio a sucessivas guerras e conflitos armados entre

---

<sup>137</sup> RIBEMBOIM, 2020. p. 503-504.

<sup>138</sup> LUDEMIR, 2005. p. 122.

os colonos e os vizinhos palestinos e árabes. Entretanto, os desejos por integração e unidade étnico-social se sobrepuseram ao tom colonialista inerente a agenda sionista. Para os entusiastas do movimento, os séculos de luta por sobrevivência – desde o avanço do antissemitismo no século I E.C até o Holocausto – respaldaria o processo de independência de Israel como um Estado nacional, permitindo assim o alcance de uma “paz” integral para os judeus sobreviventes. Apesar da manutenção do Recife como ponto definitivo de residência e congregação étnico-religiosa, em 1946, o Centro Israelita Pernambucano estabeleceria uma comissão facilitadora do aliá, assumindo oficialmente o apoio ao sionismo nos anos seguintes com o forte incentivo a imigração para Israel.

## REFERENCIAL BIBLIOGRAFICO

### Fontes

ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Hemeroteca Digital Brasileira, coleção online do Jornal Diário de Pernambuco (1930-1939), edição de 08 de julho de 1933.** Brasília, 2024. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_11&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=9250](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=9250). Acesso em: 05 nov. 2024.

ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Hemeroteca Digital Brasileira, coleção online do jornal Diário Nacional, edição de 23 de maio de 1930.** Brasília, 2024. Disponível em: [https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/213829/per213829\\_1930\\_00888.pdf](https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/213829/per213829_1930_00888.pdf). Acesso em: 05 nov. 2024.

ACERVO ONLINE COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO. **Coleção do Jornal Diário da Manhã (1927-1985), edição de 06 de fevereiro de 1936.** Recife, 2024. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1936&pagfis=471>. Acesso em: 06 fev. 2024.

ACERVO ONLINE COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO. **Coleção do Jornal Diário da Manhã (1927-1985), edição de 08 de dezembro de 1946.** Recife, 2024. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1946&pagfis=221>. Acesso em: 06 fev. 2024.

ACERVO ONLINE COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO. **Coleção do Jornal Diário da Manhã (1927-1985), edição de 28 de março de 1948.** Recife, 2024. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1948&pagfis=831>. Acesso em: 27 jan. 2024.

ARQSHOAH, ARQUIVO VIRTUAL USP. **Circular secreta nº 1127, recusa de vistos a indivíduos de origem semita.** São Paulo, 2022. Disponível em: <https://travessias-arqshoah.com/archives/592>. Acesso em: 20 jan. 2024.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Processo de naturalização Bernardo Kelner.** Recife, 1924. 03 p.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Processo de naturalização David Katz.** Recife, 1921. 07 p.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Processo de naturalização Moysés Chvarts.** Recife, 1920. 04 p.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Centro Israelita de Pernambuco.** Recife, 1936. 192 p.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Germano Mancovitzky.** Recife, 1935. 49 p.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Izaak Mancovitzky.** Recife, 1932. 34 p.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Moysés Chvarts.** Recife, 1941. 20 p.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Nuta Rosenthal.** Recife, 1947. 10 p.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Salomão Kelner**. Recife, 1939. 56 p.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Salomão Kirzner**. Recife, 1933. 16 p.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Salomão Lispector**. Recife, 1933. 11 p.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Teatro**. Recife, 1936. 12 p.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO. **Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Prontuário Zygmunt Katz**. Recife, 1941. 23 p.

## **Bibliografia**

ARENDDT, H. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ARENDDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAIRRO Judeu no Recife. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6908/bairro-judeu-no-recife>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

BARROSO, G. **Os protocolos dos sábios de Sião**. São Paulo: Editora Agência Minerva, 1936.

BASSI, D. M. G. **A ideia de um Estado binacional na Palestina histórica: conceitos,**

**evolução histórica e perspectivas na atualidade.** Orientador: Prof. Dr. Peter Robert Demant. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22082016-130222/pt-br.php>. Acesso em: 21 fev. 2024.

BLAY, E. A. **Inquisição, inquisições: Aspectos da participação dos judeus na vida sócio-política brasileira nos anos 30.** Tempo Social, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 105–130, 1989. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/83335>. Acesso em: 20 jan. 2024.

CARNEIRO, M. L. T. **Imigrantes indesejáveis. A ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas.** Revista USP, [S. l.], n. 119, p. 115–130, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/151581>. Acesso em: 05 fev. 2024.

CARNEIRO, M. L. T. **Dez mitos sobre os judeus.** Cotia: Ateliê Editorial, 2014.

CARNEIRO, M. L. T. **O Anti-semitismo na Era Vargas: Fantasmas de uma geração (1930 – 1945).** São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CAVALCANTI, H. I. **Clarice Lispector: no coração do Recife (1925-1935).** Orientador: Helder Remigio de Amorim. 2020. Dissertação (mestrado) - Pós-graduação em História, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1289>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo tropical? O partido Nazista no Brasil.** 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10072007-113709/pt-br.php>. Acesso em: 23 mar. 2024. p. 128.

ECO, U. **O Fascismo Eterno.** Rio de Janeiro: Record, 2022.

EISENSTADT, S. N. **Sociedade Israelense.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

FALBEL, N. **Jewish Agricultural Settlement in Brazil**. *Jewish History*, vol. 21, no. 3/4, 2007, pp. 325–40. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20728553>. Acesso em: 02 abril 2024.

FELDMAN, S. A. **Deicida e aliado do demônio: o judeu na Patrística**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, out. 2009, p. 110–122. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14013>. Acesso em: 26 mar. 2024.

FERRAZ, B. Z. **Os refugiados judeus no governo Vargas e o papel do embaixador brasileiro na França, Luiz Martins de Souza Dantas**. Orientador: Dr. Sócrates Nolasco. 2016. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/1336>. Acesso em: 29 jan. 2024.

GRESH, A. **Israel, Palestina: Verdades sobre um Conflito**. Porto: Campo das Letras, 2002.

GUERRA, L. H. **Memória e etnicidade no Quilombo Ilê Axé Oyá Meguê**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, vol. 47, n° 3, 2011. pp. 284-291. Disponível em: [https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/csu.2011.47.3.11](https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2011.47.3.11). Acesso em: 25 fev. 2024.

GUTFREIND, I. *Judeus no sul do Brasil, Porto Alegre-RS: da dispersão grupal à construção institucional e comunitária*. In: LEWIN, H. (coord.). **Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 80-96. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/583jd/pdf/lewin-9788579820182-12.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2024. p. 81.

HUTZLER, C. R. *Operários e patrões unidos, até quando? Uma história antiga*. **Política & Trabalho: revista de ciências sociais**. [S. l.], v. 5, 1986. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6321>. Acesso em: 20 nov. 2025.

KOIFMAN, F. **O Estado Novo e as restrições à entrada de refugiados: história e construção de memória**. *Acervo*, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 71–88, 2017. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/839>. Acesso em: 26 jan. 2024.

LEITE, J. F. C. **Entre a suástica e o sigma: o nazismo e o integralismo em Pernambuco (1938-1945)**. Orientadora: Dra. Giselda Brito Silva. 2017. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8397>. Acesso em: 25 mar. 2024.

LEWIS, S. **Indesejáveis e Perigosos na Arena Política: Pernambuco o anti-semitismo e a questão alemã durante o Estado Novo (1937-1945)**. Orientador: Dr. Antônio Torres Montenegro. 2005. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7574>. Acesso em: 20 jan. 2024.

LEWIS, S. *Política e Estratégias de Dominação: A Segunda Guerra Mundial e o Campo de Concentração Chã de Estevão*. In: MARQUES, L. C. L. (Org.). **Anais Eletrônicos do V Colóquio de História “Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio”**. p. 705-715, 2011. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.705-716.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

LEWIS, S. **Estado Novo, ideologia e resistência: os judeus e o antissemitismo em Pernambuco**. Belo Horizonte: Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, v. 13, n. 25, p. 175–188, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/23886>. Acesso em: 20 mar. 2024.

LISSOVSKY, A. **2000 anos depois: o renascimento de Israel**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/tfhj9>. Acesso em: 09 jan. 2025.

LUDEMIR, R. B. *A construção o de um lugar judeu no Recife*. In: LEWIN, H. **Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 581-597.

LUDEMIR, R. B. **Um lugar judeu no Recife: A influência de elementos culturais no processo de apropriação do espaço urbano do bairro da Boa Vista pela imigração judaica na primeira metade do século XX**. Orientador: Dr. Luiz de La Mora. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3535>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MELLO, J. A. G. **Tempo dos Flamengos**. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1987.

MENDONÇA, L. C. de. **Recife Mascate: A Aventura Empreendedora Lusa na Primeira Metade do Século XX**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2011.

MOTTA, R. P. S. **O mito da conspiração judaico-comunista**. Revista de História, [S. l.], n. 138, p. 93–105, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18845>. Acesso em: 05 mar. 2024.

MUNIZ, A. V. S. **Processo de Identificação: Um Estudo de Caso da Comunidade Judaica do Recife e sua relação com o Estado de Israel**. Orientador: Dr. Remo Mutzenberg. 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9273>. Acesso em: 30 jan. 2024.

NETO, J. M. ‘O importante não é falar, mas ser ouvido’: meios e entremeios da propaganda de Agamenon Magalhães em Pernambuco (1937-45). **Sæculum - Revista de História**, [S. l.], n. 10, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11288>. Acesso em: 22 nov. 2024.

PACHECO, T. da S. **Para além de brucutus obedecendo ordens: os homens da repressão na Era Vargas**. Antíteses, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 258–287, 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/43702>. Acesso em: 26 fev.

2024.

RIBEMBOIM, J. **História dos Judeus de Pernambuco**. Recife: Cepe, 2023.

STANISLAWSKI, M. **Zionism: A Very Short Introduction**. New York: Oxford Academic, 2017.

SILVA, F. C. T. S. *Os Fascismos*. In: FILHO, D. A. R.; FERREIRA, J; ZENHA, C. **O Século XX, volume II - O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª ed., 2005. pp. 109-163.

ZOLA, E. **J'accuse: a verdade em marcha**. Porto Alegre: L&PM, 2020.